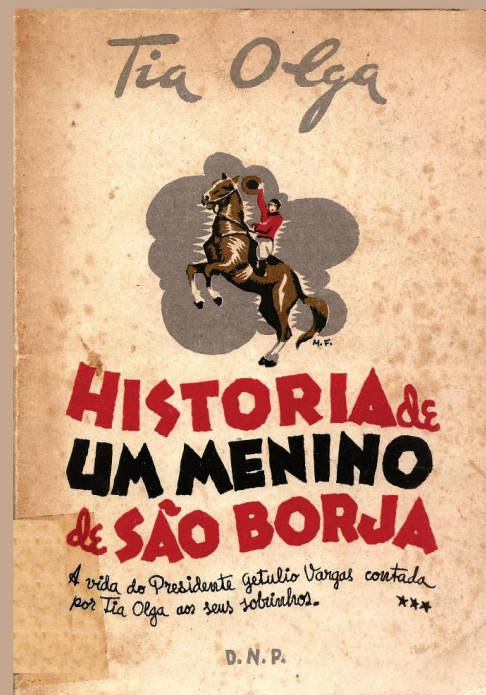
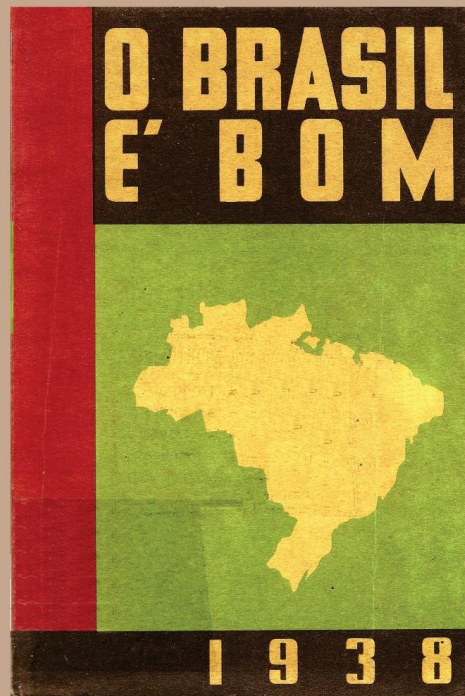




  
Coleção  
Documentos  
**48**

# O REGIME E O LÍDER NA AÇÃO PROPAGANDÍSTICA DO ESTADO NOVO

VOLTADA À INFÂNCIA E À  
JUVENTUDE

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

CENTRO DE  
LITERATURAS  
E CULTURAS  
LUSOFONAS  
E EUROPEIAS  
**CLEPUL**  
Faculdade de Letras da  
Universidade de Lisboa

**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia





**O REGIME E O LÍDER NA AÇÃO  
PROPAGANDÍSTICA DO ESTADO  
NOVO VOLTADA À INFÂNCIA E À  
JUVENTUDE**





DIRECTORA: MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO



**BIBLIOTECA  
RIO-GRANDENSE**

**DIRETORIA**

PRESIDENTE – FRANCISCO DAS NEVES ALVES

VICE-PRESIDENTE – PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL

DIRETOR DE ACERVO – MAURO PÓVOAS

1º SECRETÁRIO – LUIZ HENRIQUE TORRES

2º SECRETÁRIO – RONALDO OLIVEIRA GERUNDO

TESOUREIRO – VALDIR BARROCO

Francisco das Neves Alves

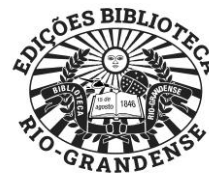
# O REGIME E O LÍDER NA AÇÃO PROPAGANDÍSTICA DO ESTADO NOVO VOLTADA À INFÂNCIA E À JUVENTUDE



- 48 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande  
2021

### **Ficha Técnica**

- Título: O regime e o líder na ação propagandística do Estado Novo voltada à infância e à juventude
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Documentos, 48
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Capa: Reproduções das capas dos livros *O Brasil é bom* e *História de um menino de São Borja*
- Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Agosto de 2021

ISBN – 978-65-89557-20-3

### **O autor:**

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019) e à UNESP (2020). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e sessenta livros.



## **Conselho Editorial/Científico**

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)  
António Ventura (Universidade de Lisboa)  
Beatriz Weigert (Universidade de Évora)  
Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)  
Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)  
Francisco Topa (Universidade do Porto)  
Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)  
Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)  
Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)  
João Relvão Caetano (Cátedra CIPSH de Estudos Globais – CEG)  
José Eduardo Franco (CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa)  
Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)  
Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)  
Maria Eunice Moreira (PUCRS)  
Tania Regina de Luca (UNESP)  
Vania Pinheiro Chaves (CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa)  
Virgínia Camilotti (UNIMEP)



# APRESENTAÇÃO

A propaganda busca promover uma “difusão deliberada e sistemática de mensagens destinadas” a um certo público e, para tanto, ela utiliza “todos os instrumentos que as condições tecnológicas” permitem. Assim, o ato de propagandear atua através dos diversos meios de comunicação disponíveis, ou ainda com “o uso de formas artísticas, documentos, filmes, produções teatrais e as histórias direta ou indiretamente inspiradas em fins de propaganda ou, quando menos, utilizadas nesse sentido”<sup>1</sup>. Comum aos diversos modelos políticos, a propaganda ganha ainda maior força em meio aos regimes autoritários, que controlam toda a informação e manipulam as representações sociais pretéritas, presentes e futuras<sup>2</sup>, buscando um contato direto do líder máximo com a população em geral e visando a plasmar uma nacionalidade identitária coletiva, na qual se confundem elementos como povo, nação, Estado, governo e governante<sup>3</sup>.

Tal conjuntura ficou também demarcada no Brasil, ao longo da ditadura estado-novista. Desde os primeiros tempos do período pós-Revolução de 1930, a

---

<sup>1</sup> SANI, Giacomo. Propaganda. In: BOBBIO, Norberto et al (dir.). *Dicionário de Política*. 4.ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992. p. 1018-1020.

<sup>2</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. 2.ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2009. p. 76.

<sup>3</sup> CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano – o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo – Segunda República (1930-1945)*. 10.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. p. 118.

propaganda já era uma preocupação dos novos detentores do poder. Nesse sentido, já em 1931, passou a funcionar o Departamento Oficial de Publicidade, e, em 1934, o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, transformado, em 1938, no Departamento Nacional de Propaganda<sup>4</sup>, o qual viria a ser sucedido, em 1939, pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, o mais conhecido dos órgãos propagandísticos do Estado Novo. A partir da ação desses organismos governamentais, houve uma crescente centralização do fornecimento de notícias acerca do Brasil, e alguns deles viriam a sobrepor a ação proposta inicialmente, como foi o caso do Departamento Nacional de Propaganda cujas atividades, “pouco mais de três anos depois, já haviam ultrapassado de muito os limites da ideia inicial”<sup>5</sup>.

Nesse sentido, o Departamento Nacional de Propaganda passou a atuar como um “órgão de ação não só informativa, artística e educativa, mas sobretudo de propaganda do governo, de coesão nacional como poderoso elemento de formação da opinião pública”, sendo “de importância decisiva na defesa e consolidação do regime”. A ele competia, “a princípio, o estudo e a utilização do cinematógrafo, da radiotelegrafia e demais processos técnicos como instrumentos de difusão”, assim “como classificar os filmes educativos, estimular a sua produção e circulação e racionalizar a sua exibição em todos os meios sociais”. Progressivamente, tal Departamento desdobrou-se em um

---

<sup>4</sup> Há uma certa confusão quanto à época definida da utilização das denominações Departamento de Propaganda e Difusão Cultural e Departamento Nacional de Propaganda, existindo edições chancelas por este órgão antes mesmo de 1938.

<sup>5</sup> ACHILLES, Aristheu. *Aspectos da ação do DIP*. Rio de Janeiro: DIP, 1941. p. 49-50.

“grande número de atividades”, como a de manter “um programa diário de radiodifusão, programa de arte, de propaganda e de informação (Hora do Brasil)”; editar “obras sobre as atividades do governo, distribuindo à imprensa nacional e estrangeira colaboração assinada por nomes de projeção”; imprimir e distribuir “prospectos, álbuns e cartazes demonstrativos das realizações do governo e das possibilidades do Brasil”; manter “uma agência telegráfica que fornece diariamente aos jornais copioso noticiário nacional e internacional, além de comentários, fotografias e reportagens”; editar “jornais cinematográficos, de propaganda e controlando, previamente, a exibição de filmes, do ponto de vista da sua moralidade ou conveniência”; e estreitar “o intercâmbio cultural e informativo do Brasil com entidades e países estrangeiros”<sup>6</sup>.

O Departamento Nacional de Propaganda (DNP), “como pioneiro na produção de farto material de publicidade governamental”, adquiriu “a experiência e a expertise que posteriormente foram levadas ao Departamento de Imprensa e Propaganda”, o mais famigerado dentre os órgãos estado-novistas dessa natureza. Em meio a tal ação publicitária, o DNP foi o “primeiro órgão de propaganda da administração varguista a constituir um projeto editorial”, produzindo farto material bibliográfico, com a publicação de exemplares em variado formato que “serviram como estratégia de legitimação política das concepções e iniciativas do governo”<sup>7</sup>. Nessa linha, o DNP levou ao público

---

<sup>6</sup> EXPOSIÇÃO NACIONAL DO ESTADO NOVO. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Propaganda, 1939. p. 57.

<sup>7</sup> FRAGA, André Barbosa. A “biblioteca do impossível”: levantamento da produção editorial do DPDC/DNP. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 41, nº 86, 2021, p. 137.

diversificado material, envolvendo livros, livretos, folhetos, brochuras, entre outros, que visavam à busca pela legitimação do regime em meio à sociedade brasileira.

Um segmento dessa produção bibliográfica do DNP destinou-se especificamente ao público infanto-juvenil, revelando a intenção dos mantenedores do regime no sentido de garantir a perenidade do Estado Novo, em um processo pelo qual, o escopo essencial era o convencimento das gerações futuras quanto a uma suposta validade das ações do modelo estado-novista, possibilitando-lhe um crédito futurado, quando as crianças e os jovens viessem a se tornar adultos. A ideia central desses escritos era propagandear os “feitos” e as “realizações” do regime, com a personalização do Estado Novo na figura de seu líder máximo, Getúlio Vargas. Em meio a essa vasta bibliográfica, o presente trabalho aborda dois livros editados pelo DNP: *O Brasil é bom* e *História de um menino de São Borja*.



# ÍNDICE

*O Brasil é bom*.....17

*História de um menino de São Borja*.....81



***O BRASIL É BOM***

O livro *O Brasil é bom* foi editado pelo DNP, em 1938, com o formato de 12 X 18 cm., contando com setenta e seis páginas. A composição gráfica era simples, com a capa impressa em três cores e o miolo em preto, mas possuindo as margens, a letra capitular e o desenho de um pequeno triângulo, ao final de cada segmento, gravados em vermelho. A formatação não compreendeu a paginação das folhas e, apesar de constituir um escrito destinado ao público infanto-juvenil, não houve a inclusão de qualquer tipo de material iconográfico, à exceção da capa que trazia um mapa do Brasil, como representação da nacionalidade. A impressão e composição do livro foram realizadas no Rio de Janeiro, junto à Oficina Mauá.

A partir do caráter didático, ao qual se propunha, o livro era dividido em trinta lições, com o intento de apresentar ao público-alvo as propaladas credenciais do regime estado-novista. Nessa linha, a partir de "*O Brasil é bom*, o Estado Novo é explicado de forma pedagógica", e "o texto transmite imagens positivas do regime com vistas a formar a consciência do pequeno leitor com base nos valores novos". Ao longo do conteúdo do livro, havia um conjunto de indagações e lições, as quais tinham por intento fundamental exaltar "as qualidades do 'bom Brasil'"<sup>8</sup>. Já na abertura da edição, havia uma conclamação aos leitores, no sentido de que o escrito fosse lido com atenção, de modo que seus "ensinamentos" viessem a ser apreendidos. Além disso, também aparecia o propósito de expansão para além da leitura individual, por meio do apelo no

---

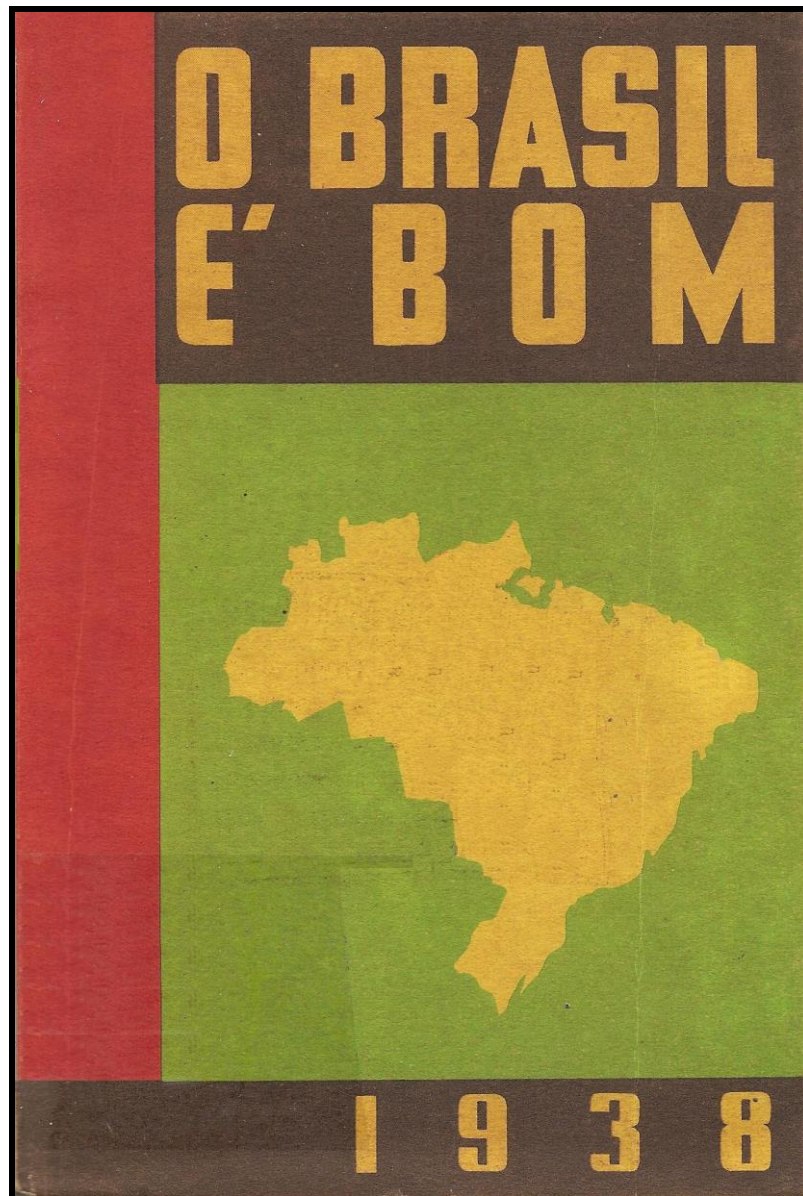
<sup>8</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. 2.ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2009. p. 166.

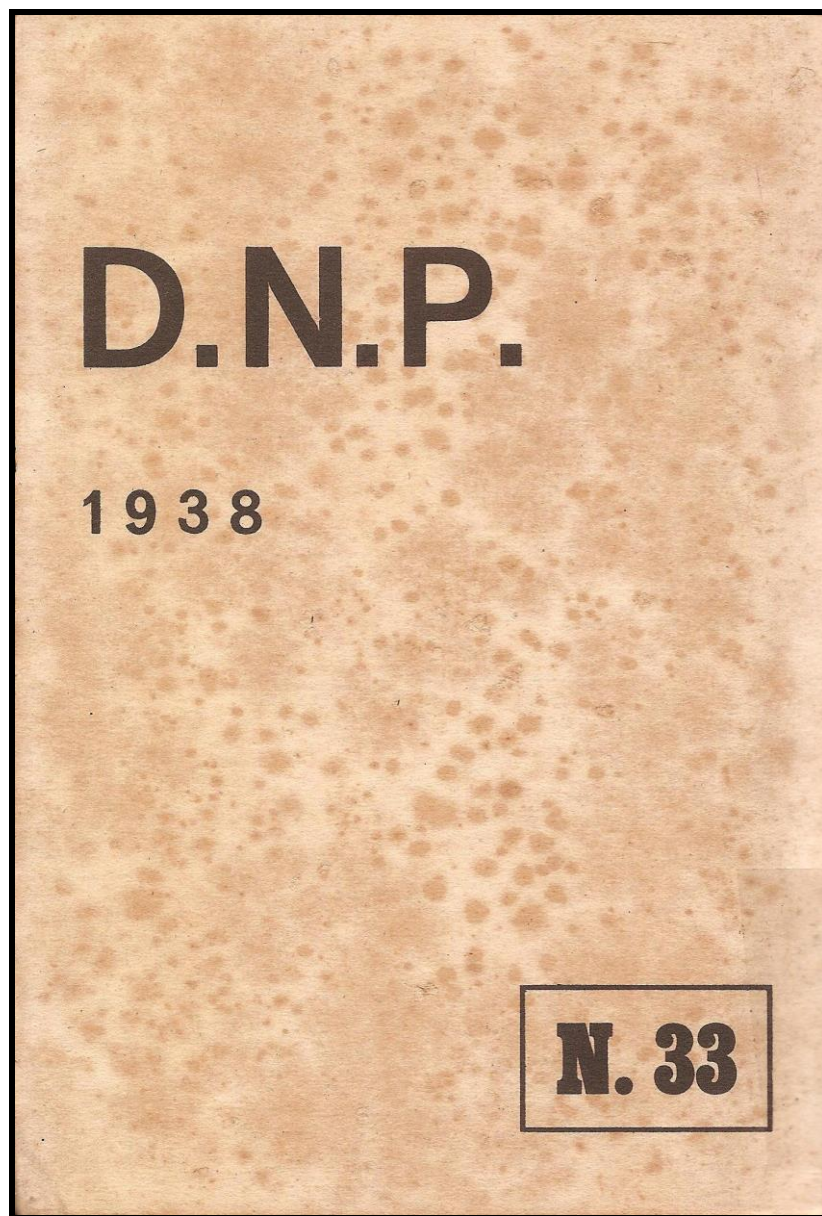
sentido de que os leitores levassem aquele conteúdo aos que não soubessem ler, de modo que, assim procedendo, estariam prestando “um serviço ao Brasil”.

A proposta do livro era a de atingir seu público-alvo principal, mas também transformar esses leitores originais em vetores das informações contidas em suas páginas, o que vinha ao encontro da perspectiva pela qual, “generalizadas pela propaganda, as ideias oficiais se introduziram e impregnaram todas as camadas da sociedade”, visando a integrá-las e assegurar “sua coesão”. Por meio dessa estratégia, “progressivamente, foi se delineando uma uniformidade de pensamento e de orientação que absorveria todas as formas de manifestação, em todos os níveis”. Desse modo, “na família, no meio social ou na escola, nos quartéis, nas fábricas ou nas repartições públicas, oralmente ou pelos meios de comunicação, em todas as partes e por todas as formas, todos passavam a ser enquadrados” com base “nos mesmos princípios e valores e a ser orientados para os mesmos objetivos”. Nas respectivas circunstâncias, “ensinando os novos e repetindo para os antigos”, eram fornecidos “os limites e as regras do que e quando fazer, a quem e como obedecer”<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> GARCIA, Nelson Jahr. *O Estado Novo: ideologia e propaganda política*. São Paulo: Loyola, 1982. p. 126-127.





Dessa maneira, as lições de *O Brasil é bom* abordavam questões como:

- a noção básica dos motivos pelos quais o Brasil seria um “bom” país;
- a concepção do regime para com conceitos como Estado, Nação e Constituição;
- a ideia de que um “bom brasileiro” seria o indivíduo ordeiro, trabalhador e respeitoso para com as instituições do poder;
- a pregação da existência de um Estado que supostamente trataria a todos com igualdade;
- a asseveração de que o Brasil constituiria uma “grande família feliz”, na qual todos estariam irmanados e vivendo em concórdia;
- a perspectiva de que Vargas era “o chefe nacional pela vontade do povo brasileiro”;
- a suposta certeza de que no país não haveria preconceitos de natureza étnica ou nacional;
- a justificativa de que o Brasil do passado, dominado pelo regionalismo, não era bom, mas que passara a ser com o centralismo governamental do Estado Novo, o qual teria passado a evitar possíveis riscos de desagregação;
- a persuasão de que o modelo estado-novista era o ideal, ainda mais em comparação com o comunismo, o maior dos inimigos do regime, havendo a conclusão de que o Brasil era “bom”, mas o comunismo, “mau”;

- a indicação de que os extremismos eram prejudiciais ao país, diante do que também teria havido o combate ao integralismo;
- o senso da necessidade de educação para as crianças, com a perspectiva de que o “bom pai” era aquele que educava a sua prole, e, o que não o fazia, seria “mau”;
- a versão de que o líder máximo do regime doara a legislação social aos trabalhadores;
- a exortação de um necessário orgulho dos brasileiros, diante das potencialidades de seu país;
- a justificativa para a pena de morte no Brasil, com a ressalva de que a mesma só seria destinada ao “mau brasileiro”, praticante de crime de alta traição;
- a valorização das medidas governamentais de cunho nacionalizador, mormente no que tange às empresas e ao trabalho;
- a relevância do papel das Forças Armadas e a necessidade de todos atuarem em consonância com a segurança nacional;
- a observação da ilegalidade das greves, assim como a caracterização de tal movimento como desnecessário, tendo em vista que o Estado estaria atuando na advocacia do trabalhador;
- a defesa da indústria nacional, com a indicação do consumo de produtos oriundos do próprio país;

- a exaltação da grandeza territorial e populacional do Brasil, o que deveria servir como motivação para o orgulho ufanista dos brasileiros;
- a valorização das potencialidades minerais, hidráulicas e hidrográficas do país, como manifestações de altanaria patriótica;
- a exortação das datas cívicas nacionais, qualificadas como “feriados do Brasil Grande”;
- a alegação de um suposto “espírito democrático” para o regime brasileiro, aparecendo o Presidente como “um delegado da confiança popular”;
- o pressuposto de que os brasileiros deveriam adotar a ordem como caminho para o progresso e a ideia de que o futuro do país estaria na expansão demográfica e no aproveitamento de novas terras, simbolizado pela “Marcha para o Oeste”;
- a perspectiva de um Estado protetor, que estaria a defender o cidadão, de modo a prepará-lo “para melhor desempenho da sua missão social”;
- a justificativa de que o Brasil ainda mantinha um sistema representativo, com a busca de demonstrar como natural a nova ordenação administrativa, com a concentração de poderes nas mãos do Executivo;
- a asserção de que o país ia por maus caminhos no período anterior à Revolução de 1930, situação que melhorara a partir de então, notadamente com o “novo regime” que levaria o Brasil a tornar-se uma “nação forte e próspera, rica e feliz, para orgulho e glória de todos os brasileiros”;

- a propalada convicção de que o Brasil tornara-se um país “bom” porque possuía um “regime forte” e um “Chefe enérgico e sereno”, os quais estariam a corresponder “aos reclamos da consciência nacional”.

#####

Menino:

Lê este livrinho com atenção. Aprende estes ensinamentos. Se teu pai e teus irmãozinhos sabem ler, faze com que eles o leiam contigo. Se eles não sabem ler, prestarás um serviço ao teu Brasil, lendo-o em voz alta para que eles o ouçam e aprendam o que nele se ensina.

## - 1 -

O Brasil é bom. Porque o Brasil é bom? Isso é que o menino quer saber. É fácil explicar porque o Brasil é bom, porque é grande e forte. Porque produz, porque seu solo é rico, porque tem uma natureza prodigiosa, porque seus filhos trabalham. Mas o Brasil é bom, sobretudo, porque tem o governo que lhe convém. O Estado Brasileiro é soberano.

Que é um Estado soberano? É um Estado que se governa por si mesmo, sem admitir intervenção estranha. Na casa do Brasil, quem manda é o Brasil.

Que é um Estado? Um Estado, menino, é uma Nação constituída e livre, governando-se por um conjunto de leis próprias.

A principal lei de um país se chama Constituição. O Brasil tem uma grande Constituição. Todos os brasileiros precisam conhecer a Constituição para conhecer os seus direitos e deveres para com a Pátria.

## - 2 -

O Brasil é bom. O menino já ficou sabendo isso na lição anterior. O menino já pode se considerar um bom brasileiro. Um bom brasileiro ama o seu país. Trabalha pela grandeza do Brasil. Conhece o Brasil e respeita as suas leis. Defende a ordem e a justiça.

Um operário é um bom brasileiro? Sim, menino, um operário é um bom brasileiro, porque é um brasileiro que trabalha.

Um soldado é um bom brasileiro? Sim, menino, porque é um brasileiro que defende a ordem, a lei e a justiça.

O pai do menino é um operário. O pai do pai do menino também foi um operário.

Quem é o pai do pai do menino? É avô do menino. O menino sabe que o avô foi pobre e se queixou de injustiças. Mas o pai do menino já não é tão pobre. Por quê? Porque o pai do menino já tem DIREITOS. O direito é a riqueza do homem honesto e trabalhador. Hoje, todos os brasileiros são iguais. O patrão e o operário são do mesmo tamanho. O Estado, isto é, o Brasil, é que é maior que ambos. E por isso tem a autoridade necessária para resolver as divergências entre os dois. O menino sabe o que é uma divergência? Não, o menino não sabe. Já viu uma briga entre irmãos? Pois isso é uma divergência. Todos os brasileiros são irmãos. O Brasil não quer que os seus filhos, irmãos brasileiros,

briguem uns com os outros. O Brasil não quer coisas feias. O Brasil não quer divergências. Aí está mais uma razão pela qual O BRASIL É BOM.

### - 3 -

Se todos os brasileiros são irmãos, o Brasil é uma grande família. Realmente, uma grande família feliz. Uma família é feliz quando há paz no lar. Quando os seus membros não brigam. Quando não reina a discórdia. O Brasil é e será uma grande família feliz enquanto houver ordem e trabalho. O trabalho é um dever social. A ordem é outro dever social. Que é um dever social? É um dever comum a todos os indivíduos. É uma obrigação de todos os brasileiros. O Estado tem como base a organização da família. Por isso, o Estado, isto é, o Brasil, resolveu proteger as famílias numerosas, cujos chefes ganhem pouco. A Constituição, que é a grande lei do Brasil, estabelece essa medida. E essa medida será aplicada pelo governo. O governo é a ação do Estado. O Chefe do governo é o Chefe do Estado, isto é, o chefe da grande família nacional. O chefe da grande família feliz. Por isso, o Chefe do governo é o chefe nacional. Quem é o chefe nacional? É o Chefe do governo. Quem é o Chefe do governo? O menino sabe que é Getúlio Vargas. Getúlio Vargas é um homem que sorri. Sorri porque tem confiança no Brasil. Todos os brasileiros devem ter confiança no Brasil. Getúlio Vargas é o chefe nacional pela vontade do povo brasileiro.

## - 4 -

O Brasil é bom porque não faz distinções de raças. Porque não tem preconceitos de cor, nem de religião. Todos podem viver no Brasil se respeitam às leis do Brasil. Mas ninguém pode viver no Brasil se não quer acatar as suas leis. O preto é brasileiro? É, sim, e é um bom brasileiro se trabalha pela grandeza do Brasil. O branco é brasileiro? É, sim, e só é um brasileiro quando trabalha pelo bem do Brasil.

Filho de japonês, – nasceu no Brasil, é brasileiro. Filho de alemão, – nasceu no Brasil, é brasileiro. Filho de turco, – nasceu no Brasil, é brasileiro. Filho de italiano, – nasceu no Brasil, é brasileiro. Todos são brasileiros, com os mesmos deveres e direitos. Todos devem respeitar a Pátria dos seus pais, mas devem querer e amar, acima de tudo, o Brasil.

Não são bons brasileiros os que assim não procedem. E o Brasil não quer no seu solo maus brasileiros. O Brasil acolhe gente de todas as raças e de todos os continentes.

Os filhos do Brasil não devem obediência a nenhum país estrangeiro. Porque o Brasil é livre e soberano. É um Estado autônomo. Na casa do Brasil, o menino já sabe, só quem manda é o Brasil.

## - 5 -

O Brasil é bom. Mas, antigamente, o Brasil não era bom assim. O Brasil estava doente. O Brasil estava ameaçado de desagregação. O Brasil é um Estado, isto é, uma Nação livre e autônoma, senhora do seu próprio destino. Mas, antes, era um campo de rivalidades. Os Estados, outrora, queriam ser mais do que eram. Os Estados do Brasil lutavam para preponderar na política nacional. Cada Estado queria se transformar numa patriazinha, nascendo, assim, a praga do regionalismo. Os Estados não eram nações. Eram províncias. Uma província é parte de uma Nação, dependendo do Estado politicamente. Mas assim não era antes. Os Estados, isto é, as partes desse todo, que é o Brasil, disputavam o direito de governar o Brasil. E daí surgiam lutas e disputas, que alteravam a ordem, que perturbavam a tranquilidade da família brasileira. Sem ordem, a grande família não podia ser feliz, nem podia prosperar.

Agora, só o Brasil é grande. As bandeiras dos Estados desapareceram e só há a bandeira do Estado, isto é, a gloriosa bandeira auriverde do Brasil. Não há mais brigas. Agora, sim, o Brasil é feliz.

## - 6 -

O menino está com a cabeça confusa. O menino quer saber o que é desagregação. O menino quer saber porque há Estado, isto é, o Brasil, e porque há Estados, isto é, províncias.

Estado, isto é, o Brasil, é a denominação que se dá ao todo geográfico e político que constitui a Nação. Estados são as províncias, isto é, as divisões administrativas do nosso território. Um país muito grande como o nosso, que é um dos maiores do mundo, divide o seu território em zonas, chamando-as de Estados ou províncias, para facilidade maior da administração do governo. Seria difícil ao Chefe da Nação administrar diretamente todo o Brasil. Por isso, em cada Estado, ou divisão provincial, há um delegado seu, um homem que governa em seu nome. Esse homem representa o pensamento do Chefe da Nação.

Assim, é hoje. Antes, havia homens governando províncias com espírito de luta contra o Chefe da Nação. Eram inimigos da ordem e do Brasil. Alguns Estados queriam a desagregação. Desagregação é o separatismo. Um filho foge do seio da família, deixando os seus pais e irmãos chorando a sua ausência? Que é isso? Separação. O Estado que quisesse ser livre e autônomo perderia prestígio e arrostaria dificuldades econômicas. E diminuiria o prestígio do Brasil. Mas isso não seria possível, porque sendo o Brasil uma família unida, os outros Estados chamariam o filho rebelde e fugitivo de novo ao seu convívio. Ficaria, porém, uma página triste enodoando a nossa história.

Hoje, só o Brasil é grande. Nenhum Estado disputa o predomínio. O Brasil é uma grande família feliz e ninguém quer abandonar a família quando há felicidade no lar.

## - 7 -

O Brasil é bom na sua organização atual. Essa organização não deve ser alterada nem substituída. O que é bom deve ser conservado. No Brasil não cabem regimes de importação. Que são regimes de importação? São formas de governo de outros povos, diferentes do nosso, com outros problemas que o Brasil não tem. O comunismo é um mal. No Brasil não há lugar para o comunismo. Que é o comunismo? É o regime de escravidão que reduziu a Rússia à miséria. A Rússia é um país infeliz. Lá, impera o comunismo. O Brasil é um país feliz. Nele, o comunismo não encontra lugar.

O comunismo foi implantado na Rússia num momento de desespero. País onde a fome reinava, nasceu um regime que visava a dividir por todos, não só os bens como as terras. Mas, como o país era pobre os pobres não melhoraram e os ricos pioraram. O comunismo foi a divisão da miséria por todos. E o Estado passou, na Rússia, a ser um patrão odioso e cruel de todos os homens, quando o fracasso do comunismo se patenteou.

O Brasil é um país rico. A Constituição considera a iniciativa individual o fundamento e base da riqueza e da prosperidade nacional. Cada brasileiro pode exercer livremente a profissão que escolher. País rico, no Brasil pode qualquer homem enriquecer pelo trabalho honesto, pelas suas iniciativas e capacidade de criação. Cada qual pode auferir proventos na medida dos seus esforços. Por isso, o Brasil é bom.

No Brasil, se o menino quer ser aviador, será aviador. Se o menino quer ser médico, será médico. Na Rússia, o menino russo quer ser engenheiro, mas o Estado acha que já há muito engenheiro e manda o menino trabalhar numa mina, cavando o chão. Um menino russo quer ser aviador, mas o Estado acha que já há muito aviador e manda o menino, contrariado, cuidar de um rebanho de carneiros. A liberdade de escolha de profissão ou do gênero de trabalho é assegurada pela Constituição do Brasil. Mas, na Rússia, o comunismo nega tudo ao indivíduo e ele nem sequer consegue ser o que deseja.

Aí está mais uma razão por que o comunismo é mau e por que o Brasil é bom.

O comunismo subordina o indivíduo estritamente ao Estado. O Estado é quem lhe escolhe a profissão. É quem lhe determina o limite do ganho. No comunismo, ninguém pode enriquecer. O estímulo individual desaparece. O horizonte comum é a miséria. Por isso, o comunismo é mau.

O Brasil, tal como está, não é apenas bom. É melhor do que os Estados em que os extremismo predominam.

- 8 -

O comunismo é um extremismo. Mas nem só os comunistas são extremistas. Há outros extremistas, tão perigosos como esses. São os que querem implantar no Brasil o fascismo, copiado de partidos estrangeiros. O Brasil não precisa de regimes importados, porque o Brasil é quem manda na casa do Brasil. Por isso, ele tem um regime que é seu. Uma forma de governo que é sua.

Uns homens ambiciosos quiseram conquistar o poder, dizendo que só o integralismo podia vingar no Brasil. Que era o integralismo? Regime de importação. Um regime de tirania e de violência. Um regime que não respeita os direitos individuais. Um regime que esmaga os cidadãos com o rolo compressor do Estado. Nele, o Estado um instrumento de opressão. Ora, o Brasil mostrou que não queria o integralismo. O Brasil ama a liberdade. O Brasil tem uma Constituição que é uma garantia ao trabalho honrado e à existência tranquila dos brasileiros.

Os homens que queriam arrebatam o poder tomaram armas contra o Brasil e quiseram ferir o Chefe Supremo da Nação. Mas o atentado odioso e sangrento dos inimigos da ordem e da Pátria foi repellido com energia. A bravura do Chefe da Nação foi a bravura de um homem digno do governo. Ele defendeu o Brasil contra os dois extremismos: o extremismo dos comunistas e o extremismo dos integralistas. O Chefe da Nação é um bom brasileiro. Um bom brasileiro é um homem em combate contra os extremismos nefastos. Todos os meninos do

Brasil podem ser também bons brasileiros. Para isso, devem imitar o gesto do Chefe da Nação, defendendo a Pátria contra os extremistas.

Como o menino pode fazer isso? Dizendo que o Brasil é bom. Dizendo que o Brasil está contente com a sua Constituição e com o seu Chefe. Quem é o seu Chefe? O Chefe do Governo do Brasil. O Chefe Nacional. O Presidente Getúlio Vargas.

## - 9 -

O menino para ser bom brasileiro deve também saber ler. Um homem sem instrução é um homem infeliz, porque não possui habilitação capaz para o exercício de muitas profissões vantajosas e sofre constantemente com a sua própria ignorância. Por isso, o governo não quer que haja brasileiros que não saibam ler. Porque o governo não quer? Porque o governo é amigo dos brasileiros e não gosta da ignorância. Porque o governo não gosta da ignorância é que mantém escolas e universidades, facilitando a educação da juventude. A Constituição do Brasil considera a educação integral da prole o primeiro dever e o direito natural dos pais.

Que é a prole? O menino não sabe. A prole de um casal são os filhos. O menino e seus irmãozinhos são a prole de seus pais. Todos os pais têm o dever de educar os filhos. A educação é uma riqueza que o pai pobre transmite ao seu filho. é uma herança que vale mais que o dinheiro, porque a instrução habilita o indivíduo a vencer na vida.

O pai que não educa o seu filho é um mau pai. Um mau pai é um mau brasileiro. O pai que abandona seu filho à ignorância desrespeita a Constituição, cometendo uma falta grave. Ninguém deve alegar pobreza para justificar a falta de instrução. Se o pai é pobre, pode pedir o auxílio do Estado, isto é, do Brasil, para a educação de sua prole. A Constituição lhe garante esse direito.

## - 10 -

O Brasil é bom. A Constituição também é boa. É boa porque, entre outras coisas, protege o homem que trabalha. O trabalhador outrora não tinha direitos. Hoje, tem. As leis do trabalho de que trata a Constituição asseguram aos operários salário mínimo, licença anual remunerada, assistência médica, seguros e outras vantagens, além da previdência social organizada através dos sindicatos.

O Chefe da Nação é um amigo do trabalhador. Ele é também um homem que trabalha. E trabalha mais do que todos, porque trabalha pelo Brasil. Muita gente pode pensar que o exercício do governo é um prazer. O Presidente é um homem modesto, de vida simples, sem ostentações. Ele não exerce o governo por vaidade ou prazer. Exerce o governo por força de uma predestinação e porque gosta de trabalhar pela grandeza do Brasil. Ele é também um operário: o operário da grandeza nacional. Trabalha entre muitos papéis, escravo de seu dever, sem minuto de descanso. Ele é o homem mais ocupado do país. Homem a quem não sobra a menor parcela de tempo. O Chefe da Nação é um exemplo de atividade para todos os brasileiros. Todos os brasileiros devem ser trabalhadores como o Presidente. Todo o trabalho é útil. O trabalho do seringueiro é útil. O trabalho do capinador de cafezais é útil. O trabalho do estivador é útil. O trabalho do marítimo é útil. Eles todos estão bem próximos do Presidente, porque trabalham com ele pelo bem geral. Só não são úteis à Pátria os ociosos, os derrotistas e os boateiros. Esses são inimigos da Pátria. Ocioso é o

que não trabalha. Derrotista é o que diz que o Brasil não é bom. É mentiroso, e mentiroso também é o boateiro, que conta histórias falsas com o simples intuito de provocar dissídios no seio da grande família feliz dos brasileiros. Esses são maus brasileiros.

## - 11 -

O brasileiro não precisa ter inveja de nenhum país. Nenhuma nação pode nos causar inveja. O Brasil é o país onde não se morre de fome. Nem todos os países podem dizer isso.

O Brasil é o país onde o indivíduo, tendo dinheiro ganho honestamente, pode comprar para seu uso aquilo que quiser. Se o menino tem dinheiro e quer gastar esse dinheiro, empregará o dinheiro naquilo que quiser.

Mas há países em que não se pode comprar mais de tantas gramas de manteiga e de carne por semana. Se alguém compra mais carne ou manteiga do que está estabelecido é preso e processado.

É tratado como um criminoso. No Brasil só é criminoso quem furta, quem mata e quem pratica desordens. Quem come manteiga, pode ser guloso, mas não é criminoso. Ora, o menino bem sabe que o Brasil, sendo bom como é, não pode ter inveja de países assim. Nem pode querer copiá-los.

O Brasil é bom. O Brasil basta aos brasileiros. Os brasileiros não precisam ter inveja. Os brasileiros devem se orgulhar do Brasil. Porque os outros países é que têm inveja de nós e que recorrem à generosidade do solo brasileiro para colocar como imigrantes os seus excessos de população.

O imigrante é um mal para o Brasil? Não, o imigrante que trabalha no campo, que exerce atividade agrícola, é um colaborador da riqueza nacional. O imigrante que ensina seu filho a falar a nossa língua e a ser um bom brasileiro

merece o nosso respeito e a nossa estima. Só não merecem o nosso respeito e a nossa estima os que se convertem em elementos de perturbação da vida nacional, exercendo atividades políticas proibidas pela Constituição do Brasil.

O Brasil é dos brasileiros. O Brasil recebe e acolhe os estrangeiros, mas não quer inimigos debaixo do seu teto.

Brasileiros, tenhamos orgulho do Brasil! O Brasil é bom.

## - 12 -

A Constituição do Brasil diz que a lei pode prescrever a pena de morte para vários crimes. Pena de morte? Sim, senhor. O menino não fique espantado. A pena de morte não é para o bom cidadão. Não é para o bom brasileiro. Nada disso. A pena de morte é uma garantia para a ordem e para a vida de todos os brasileiros. Não podemos dizer que a pena de morte envergonha o Brasil.

Os Estados Unidos têm pena de morte e os norte-americanos não se envergonham disso. A Inglaterra tem a pena de morte e não se envergonha disso. A Alemanha tem pena de morte. A Itália também tem pena de morte. A Rússia tem pena de morte também. Estados liberais, Estados fascistas e Estado comunista, todos têm pena de morte.

A pena de morte no Brasil se justifica em face dos motivos que podem autorizar a sua aplicação: tentar submeter o território da nação ou parte dele à soberania de Estado estrangeiro; tentar, com o auxílio de Estado estrangeiro ou organização secreta de caráter internacional contra a unidade da nação, procurando desmembrar o território sujeito à soberania; tentar, por meio de movimento armado, o desmembramento do território nacional, desde que para reprimi-lo se torne necessário proceder a operações de guerra; tentar, com auxílio ou subsídio de Estado estrangeiro ou organização de caráter internacional, a mudança da ordem política ou social estabelecida pela Constituição; tentar subverter por meios violentos a ordem política e social, com o fim de apoderar-se do Estado para o estabelecimento da ditadura de uma

classe social; tentar a insurreição armada contra poderes do Estado, assim considerada ainda que as armas se encontrem em depósito; praticar atos destinados a provocar a guerra civil, se esta sobrevém em virtude deles; atentar contra a segurança do Estado, praticando devastações, saque, incêndios, depredações e quaisquer atos destinados a suscitar terror; atentar contra a vida, a incolumidade ou a liberdade do Presidente da República; e praticar homicídio por motivo fútil ou com extremos de perversidade.

Ora, quem faz o que aí está é mau brasileiro, é réu de alta traição, é infame criminoso que não merece o perdão da sociedade. A pena de morte é um meio e livrar o país dos inimigos da Pátria. O bom brasileiro nunca sofrerá a pena de morte. O bom brasileiro não sofre castigos. O mau brasileiro deve sofrê-los.

## - 13 -

A nova Constituição do Brasil valoriza o brasileiro, dando-lhe prerrogativas especiais. Por isso, a grande lei brasileira é caracterizadamente nacionalista. Os proprietários, armadores e comandantes de navios nacionais são, obrigatoriamente, brasileiros.

A tripulação desses mesmos navios deve ser constituída de dois terços de brasileiros, no mínimo. Só brasileiros natos podem exercer, também, a praticagem das barras, portos, rios e lagos. Que é praticagem? É o conhecimento íntimo, minucioso, dos lugares de difícil navegação, onde só peritos podem orientar a marcha dos navios. As profissões liberais, – medicina, advocacia, etc. – só podem ser exercidas no Brasil por brasileiros natos ou naturalizados, que tenham prestado serviço militar no Brasil.

A direção dos jornais, bem como sua orientação intelectual, política e administrativa, só poderá ser exercida por brasileiros natos. Do mesmo modo, as empresas concessionárias de serviços públicos federais, estaduais e municipais deverão constituir com maioria de brasileiros a sua administração, ou delegar a brasileiros todos os poderes de gerência.

Antigamente, todos mandavam no Brasil. Só não mandavam os brasileiros. Mas a nova Constituição pôs as coisas no seu verdadeiro lugar. Agora, o Brasil é dos brasileiros.

O Brasil é nosso. Tenhamos orgulho do Brasil. O Brasil é bom.

## - 14 -

Na lição anterior falamos de empresas concessionárias de serviços públicos. Que são essas empresas? Por exemplo: a que fornece luz, serviço público, à população. O telefone é um serviço público. O gás é outro. O esgoto igualmente. O serviço de bondes e de ônibus também. Concessão é um contrato feito com o Estado, para a exploração desses serviços pelas empresas que se propõem a executá-los.

Antigamente, não havia leis regulando o emprego dos brasileiros nessas companhias. Hoje, há leis. Os empregados têm o seu sindicato e o seu instituto de pensões e aposentadorias, bem como sua caixa de acidentes. Nenhuma empresa pode dispensar empregados sem causa justa e sem indenizá-los na proporção dos anos de serviço que prestou. O operário está, desse modo, protegido por uma sábia legislação trabalhista e por medidas de previdência social. O operário tem garantias. Essas garantias emanam dos seus direitos. Dos direitos que o governo lhe deu.

O Brasil não era bom para os operários. Isso foi há anos atrás. Agora, o Brasil é bom.

## - 15 -

O Brasil necessita, para a sua defesa, como acontece com todos os povos, de suas forças armadas. Quais são as forças armadas do Brasil? São o seu Exército e a sua Marinha. O Brasil tem, ainda, outras forças, que são as Polícias Militares dos Estados, os Corpos de Bombeiros, que constituem reservas do Exército Nacional, e a Marinha Mercante, que é reserva da Marinha de Guerra, e a Aviação Civil, que é reserva da Aviação Militar.

O Exército e a Marinha constituem instituições nacionais permanentes, organizadas sobre a base da disciplina hierárquica e da fiel obediência à autoridade do Presidente da República, para a defesa da ordem, do regime e da integridade territorial da Pátria, em caso de agressão estrangeira.

O dever do soldado e do oficial é manter a ordem e empenhar a própria vida em prol da segurança do Estado e da defesa da Pátria. Se o soldado ou o oficial falta a esse dever, é considerado traidor da Pátria e perderá a sua patente, ou posto, sendo julgado e punido pelo seu crime.

O bom soldado do Brasil não pratica crime contra a segurança do Estado. O Exército tem seus grandes heróis, como Caxias, Osório, Tibúrcio, Villagran Cabrita, Sampaio, Camisão e Câmara, e a Marinha, vultos gloriosos como Barroso, Tamandaré, Marcílio Dias, Greenhalgh e tantos mais. O soldado e o marinheiro dignos da farda que vestiram esses heróis são fieis defensores da ordem, da lei e da Pátria.

## - 16 -

Todos os brasileiros têm encargos e obrigações para com a segurança nacional. Entende-se por segurança nacional a defesa do país. Para defender o seu país cada brasileiro deve estar pronto a pegar em armas, a sacrificar a sua própria vida.

O Brasil não é um país belicoso. O Brasil não é um país guerreiro. A nobreza das suas tradições está no que elas traduzem como expressão de pacifismo. O Brasil sempre foi o campeão da arbitragem. Que se entende por arbitragem: É isto: a solução de uma questão internacional de maneira pacífica, sem apelo às armas. Dois países escolhem um árbitro, ou juiz, que será uma nação igualmente amiga de ambos. Essa nação, por meio de um representante seu, resolve a questão. Essa doutrina do Brasil se tornou vitoriosa. E o seu triunfo valeu ao nosso país a fama de nação pacifista.

O Brasil é pacifista. O Brasil deseja manter uma política de boa vizinhança com todos os povos deste continente e de cordialidade com todas as demais nações. Mas o Brasil, mesmo animado desses propósitos de paz, não consentirá nunca que seja ofendida a sua soberania. Não tolerará nenhum dano moral nem territorial.

Para fazer valer a sua soberania, dispõe das forças armadas e das suas reservas. Cada cidadão brasileiro deve ser um soldado. Por isso mesmo, todos os bons brasileiros devem cumprir seus deveres militares, prestando o serviço regulamentar no Exército ou na Marinha, ou conquistando a carteira de

reservista nos Tiros de Guerra e Escolas de Soldados dos estabelecimentos de ensino.

Nenhum brasileiro poderá exercer função pública, uma vez provado não haver cumprido as obrigações e encargos que lhe incumbem para com a segurança nacional. O cumprimento do dever militar é uma prerrogativa que recomenda o cidadão como patriota.

## - 17 -

Tudo quanto está escrito na Constituição tem uma grande significação, um propósito, uma finalidade. Tudo quanto está escrito na grande lei do Brasil tem uma razão de ser.

Por exemplo: diz a Constituição que “a todos é garantido o direito de subsistir mediante o seu trabalho honesto e este, como meio de subsistência do indivíduo, constitui um bem, que é dever do Estado proteger, assegurando-lhe condições favoráveis e meios de defesa”. Assim, o Estado não admite a greve, nem qualquer outra forma de perturbação do trabalho. Assim, o Estado protege o trabalhador, assegurando-lhe o emprego, por meio das garantias das leis trabalhistas. Porque todos têm direito à existência digna, provida pelo trabalho honesto, é que o Estado, de acordo com a Constituição, vai determinar a fixação, em cada zona do território nacional, do salário mínimo, capaz de satisfazer, de acordo com as condições de cada região, às necessidades normais do trabalhador, que compreendem casa, alimentação, roupa, higiene e educação da prole.

O Brasil cuida do operário. E cuida do operário porque seus doze milhões de trabalhadores agrícolas e industriais, do comércio e dos transportes, das construções e outros ramos, representam, pelo seu esforço construtor, uma das forças vivas da Nação.

São doze milhões de braços que todos os dias forjam novos elos da grandeza do Brasil. O Brasil protege o seu trabalhador. O trabalhador engrandece o Brasil.

O trabalhador é útil. O Brasil é bom.

## - 18 -

Um dever do bom brasileiro é preferir o produto nacional ao produto estrangeiro. Se temos casimiras fabricadas no Brasil, prefiramos a casimira nacional. Se temos chapéus fabricados no Brasil, prefiramos o chapéu nacional. Se temos cigarros brasileiros, não devemos fumar cigarros importados do estrangeiro. Os nossos vinhos devem ser os melhores e os mais saborosos ao nosso paladar, porque são nossos. Só um esnobe prefere o produto estrangeiro ao produto brasileiro. Se uma jovem diz que não calça meias, nem veste vestidos de tecidos nacionais, pode ficar certo de que ela é uma esnobe. O esnobe não é apenas um indivíduo pretencioso, com a mania de ser elegante e de mostrar bom gosto. É geralmente também um mau patriota, um inimigo do seu país.

Está certo que o Brasil importe aquilo que não produz.

Isso é justo e razoável. Mas não deve importar aquilo que aqui se fabrica ou produz, nem mesmo para uso dos esnobes. O Brasil já produz chá. Portanto, não devemos importar chá estrangeiro. O Brasil começa a produzir trigo, em Minas e em Goiás. Portanto, em breve não precisaremos importar trigo. Devemos desenvolver todas as nossas fontes de produção. A riqueza de um país só começa verdadeiramente quando a sua exportação iguala a sua importação, ou a excede. Ora, no Brasil, a exportação excede, em algarismos, a importação. Mas podemos importar muito menos, se em todos os brasileiros predominar o espírito de boa vontade para com os produtos nacionais. Preferir um produto brasileiro é impedir a evasão de ouro para o exterior. É contribuir para o

fortalecimento econômico do Brasil. Bom brasileiro é o trabalhador que emprega o seu esforço na fabricação de produtos nacionais. Bom brasileiro é também o brasileiro que os consome, de preferência a equivalentes estrangeiros.

Prefira os nosso remédios. Prefira os nossos perfumes. Prefira os nossos tecidos. O Brasil produz com abundância e a sua produção é geralmente de boa qualidade. Consuma o que o Brasil produz e, se o Brasil já é bom, melhor será no futuro.

## - 19 -

O Brasil tem um lugar de relevo no concerto das nações civilizadas. E no futuro esse lugar será ainda mais importante. No território brasileiro caberiam a França, a Argentina, a Itália, a Inglaterra, a Alemanha, o México, a Polônia e Portugal reunidos, sobrando ainda espaço. O Brasil é o terceiro país independente do mundo, em extensão territorial. Na América, o Brasil é a maior nação independente, sobrepujando os Estados Unidos em mais de mil quilômetros quadrados. Só o Canadá é maior que o Brasil, na América, em extensão territorial. Mas o Canadá não é uma nação independente. É ainda uma colônia inglesa. E o território brasileiro apresenta uma vantagem sobre o Canadá: presta-se a toda sorte de culturas e é todo ele utilizável, desde o extremo-norte ao extremo-sul, ao passo que o Canadá tem regiões que não passam de enormes geleiras.

No Brasil caberiam reunidos, ainda sobrando espaço, o Uruguai, o México, a Costa Rica, Cuba, Nicarágua, Haiti e São Domingos, Honduras, Salvador, Argentina, Bolívia, Chile e Colômbia.

O Brasil é a maior nação latina do mundo. Fazem parte das nações latinas a Itália, pátria dos romanos, ou latinos, assim chamados por falarem o latim, língua hoje morta, a Romênia, França, Espanha, Portugal e todas as nações americanas de fala espanhola e portuguesa. São chamados latinos esses países porque eles herdaram dos romanos a língua, o sangue e a força da mais bela e fecunda civilização. O francês, como o espanhol e o romeno, são línguas que

procedem do latim antigo, modificado através dos tempos, de acordo com as peculiaridades de cada país. O que existe de mais belo no mundo, em arte, ciência, leis e filosofia é obra da latinidade. O Brasil se orgulha de ser um país latino e, mais que isso, de ser a maior nação latina do mundo atual, quer pela sua extensão territorial, quer pela sua população, que supera a da Itália, a da Espanha, a da França, Argentina, México, Chile e qualquer dos outros países latinos.

## - 20 -

O Brasil, em cem anos de vida independente, de 1830 a 1930 teve um aumento populacional considerável, representando a multiplicação por oito do número de habitantes que tínhamos há um século. Em 1830, era de quase seis milhões de habitantes a nossa população. Em 1930, era de mais de quarenta. Hoje, calcula-se em quarenta e oito milhões. Segundo cálculos científicos, a capacidade de povoamento de cada país tem um limite ou termo. Os Estados Unidos, país de menor extensão do que o Brasil, têm capacidade para quinhentos milhões de habitantes. A China, maior do que o Brasil em extensão, mas com menor área de terras utilizáveis, devido aos seus enormes desertos, tem o limite de sua capacidade em quatrocentos e setenta e cinco milhões. A Rússia, também maior do que o Brasil em extensão territorial, mas com regiões desertas e geladas, conhecidas pelo nome de estepes, só tem capacidade para duzentos e vinte milhões. Enquanto isso sucede, o Brasil tem capacidade para quinhentos milhões de habitantes, ou seja, dez vezes mais do que a sua atual população! O Brasil chega para todos. O Brasil é grande e fecundo. O Brasil oferece a todos os seus filhos recursos fartos de subsistência. O Brasil é um país novo e rico. Não tem necessidade de terras. Ele se basta a si mesmo. Por isso, o Brasil pode, com razão, proclamar-se uma nação pacífica. As nossas leis proíbem guerras de conquista. Somos um bom vizinho, para todos os países que limitam com o nosso território, porque não temos intenções suspeitas, nem queremos nos apossar das suas terras. O Brasil só teve um guerra, que foi a Guerra do Paraguai, mas, vitorioso, perdoou aos vencidos, não lhes impondo

tributos, nem exigindo indenizações. O Brasil é um país que nutre por todos os povos do Continente o mesmo sentimento de fraternidade. O Brasil é uma sentinela da paz na América. O seu Exército e a sua Marinha não são instrumentos de agressões. São meios de defesa e esteios da ordem interna e da segurança das instituições republicanas.

## - 21 -

O Brasil é bom e agora o menino já sabe, não só isso, como também sabe que o Brasil é a maior nação latina do mundo, quer em população, quer em extensão territorial.

Mas não basta dizer isso ao menino. É bom comparar as diversas populações dos países latinos, para que o menino se convença melhor do que dissemos. Veja, por exemplo, a França. É uma nação antiga, uma das mais importantes do mundo e sua população atual é de quarenta e um milhões e trinta e quatro mil habitantes, para uma área de 212 milhas quadradas.

Depois do Brasil é a França a mais populosa nação latina do mundo. Mas o Brasil está em primeiro. Em seguida, depois do Brasil e da França, vem a Itália, cuja importância também é grande no mundo moderno. A Itália é o país latino por excelência, pois nela se encontram os monumentos mais gloriosos dos antigos romanos e uma herança esplêndida de cultura e de sangue. A Itália tem agora quarenta e um milhões e cento e setenta e seis mil habitantes, para uma área de pouco mais de 119 milhas quadradas.

Depois da Itália vem a Espanha, com vinte e quatro milhões de habitantes, para 196 milhas quadradas de território. Em quinto lugar está a Romênia, cuja nacionalidade foi fundada pelas colunas do imperador Trajano e cuja língua se filia ao latim e que tem cerca de dezenove milhões de habitantes, para uma área de 122 milhas quadradas. Em sexto lugar está o México, com dezesseis milhões de habitantes para uma área de 763 milhas quadradas, seguindo-se-lhe a

Argentina, com maior território, porém menos populosa, a Colômbia, o Peru, Portugal e Chile.

O Brasil, segundo a estimativa feita em 1933, tinha 44.000.000 de habitantes. Em 1934, a estimativa passou para 45.500.000, calculando-se o aumento anual em um milhão e quinhentos mil indivíduos. O cálculo atual orça a população do Brasil em cerca de quarenta e sete milhões de habitantes, ou seja, mais de seis milhões do que a segunda nação latina do mundo em densidade de população.

É interessante o menino ficar sabendo bem isto:

A população total das três Américas é de 263.800.000 habitantes. O total da América do Norte (incluindo Estados Unidos, Canadá, Alasca, México, etc.) é de 139.340.000 habitantes. O total da América Central (incluindo as Antilhas) é de 38.720.000. O total da América do Sul é 85.740.000. Daí se conclui, pois, que **MAIS DA METADE DA POPULAÇÃO DA AMÉRICA DO SUL É REPRESENTADA PELA POPULAÇÃO DO BRASIL.**

## - 22 -

O Brasil é, no mundo inteiro, o país que dispõe de maiores reservas de minério de ferro. O ferro representa uma das maiores riquezas do nosso solo. O Brasil possui 23% do ferro do mundo, ao passo que os Estados Unidos possuem 20%, a França 16%, a Terra Nova 11%, Cuba 9% e os outros demais países pequenas percentagens.

O Brasil é o terceiro país do mundo em potencial hidráulico, com trinta milhões de cavalos de força utilizáveis. O futuro industrial do Brasil está garantido por suas quedas de água, situadas principalmente nos Estados de São Paulo, Espírito Santo, Alagoas, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso. A energia hidráulica atualmente utilizada no Brasil orça apenas em nove milhões de cavalos de força. Temos, portanto, ainda vinte e um milhões de cavalos de força utilizáveis. O nosso subsolo é riquíssimo. O Brasil possui reservas de cobre nos Estados da Bahia, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Em Goiás existem as minas de níquel mais ricas do mundo. O Brasil possui, com abundância, platina, prata, ouro, diamantes, rubis, esmeraldas e outras pedras preciosas.

O Brasil dará aos seus filhos um futuro brilhante. O Brasil será o grande empório do mundo quando todas as suas riquezas estiverem sendo exploradas metodicamente. O Brasil é um país que progredirá notavelmente se for bem administrado. Só é possível administrar bem um país quando há ordem, paz e

segurança. Defender a ordem é preparar um grande futuro ao Brasil e aos brasileiros de amanhã.

## - 23 -

O Brasil tem no seu imenso território grandes massas de água sob a forma de rios e lagoas. O maior rio do mundo é um rio brasileiro: o Rio Amazonas. Esse rio é um símbolo da grandeza do nosso país. Tão grande é ele, que o chamam de “riomar” e também de “mar doce”. O Amazonas nasce em território peruano, mas a maior parte do seu percurso é feita através de território brasileiro. Sua bacia é a maior bacia fluvial do mundo, segundo Eliseu Reclus, medindo mais que a do Mississipi, nos Estados Unidos. Outro grande rio brasileiro é o Rio São Francisco, chamado “o mais brasileiro dos nossos rio”, porque nasce, cresce e desagua em nosso próprio país. O Rio São Francisco é também chamado o “rio da unidade nacional”, porque ele, num abraço de simbólica expressão, liga os Estados de Minas, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas, através dos seus 2.900 quilômetros de extensão. Nasce na Serra da Canastra e despeja sua águas no Atlântico. O Rio São Francisco liga o Brasil do sul ao Brasil do norte, como que mostrando, na sua realidade geográfica, que o Brasil é um só, fertilizando um enorme vale, dando vida a uma imensa região. O Rio São Francisco dá vida a numerosas cidades e é, também, um fator preponderante de progresso e de civilização. Maior será o progresso e o florescimento desses núcleos de trabalho e de produção quando as nossas grandes vias fluviais estiverem servidas por melhores sistemas de transporte e o trabalho agrícola mais sistematizado. Os nossos rios são riquezas do nosso sol, são caminhos de água que conduzem a regiões maravilhosas do nosso país e foi através deles, navegando-os, que se fez, a par das entradas dos bandeirantes, parte da nossa civilização. Amemos os

nosso rios, como amamos a boa e fecunda terra brasileira. Amemos os nossos rios, porque eles são ricos de peixes, porque eles se oferecem à navegação, porque eles correm cantando, através dos vales generosos, onde crescem florestas gigantes, a sinfonia altissonante da nossa grandeza!

## - 24 -

O governo brasileiro resolveu reduzir a sete o número de feriados nacionais. Feriados nacionais são dias sagrados para todos os países. Nesses dias, o comércio não funciona, os bancos não se abrem e todo o povo dedica seu pensamento e seu tempo às comemorações cívicas. Os feriados foram reduzidos a sete, para que aos brasileiros sobre mais tempo útil, para o trabalho, para as atividades de cada um. Mas os sete feriados que restam no nosso calendário patriótico bastam para simbolizar tudo quanto devemos prezar e exaltar.

O dia 1º de janeiro é feriado, porque é o dia consagrado à comemoração da Fraternidade Universal. Esse dia serve para mostrar aos meninos que todos os povos devem ser amigos, que todos os homens devem se ajudar mutuamente, como irmãos.

O dia 21 de abril encarna o sentido de liberdade, o desejo de independência que inspirou os feitos gloriosos de heróis da Pátria, como Tiradentes, Cláudio Manoel da Costa, Gonzaga, Domingos José Martins, Frei Caneca e tantos outros.

O dia 1º de maio é consagrado à exaltação do dever e da dignidade do trabalho, pois, como sabe o menino, o trabalho é um dever social e só o trabalho pode promover a grandeza e a prosperidade de um povo.

O dia 7 de setembro é consagrado à comemoração da proclamação da independência, por D. Pedro I, às margens do Ipiranga, em São Paulo, fato esse

que é recordado na estrofe inicial do “Hino Nacional Brasileiro”, que todos os meninos , homens e mulheres do Brasil devem saber de cor.

O dia 2 de novembro é consagrado à comemoração do Dias dos Mortos, ou Finados, constituindo um traço de espírito cristão do povo brasileiro. Nesse dia, reverenciamos a memória dos nosso ancestrais, relembrando suas vidas e o que eles fizeram de bom e de útil, para que possamos também ser úteis à sociedade e honrar o Brasil como souberam eles honrar.

O dia 15 de novembro é dedicado à comemoração da proclamação da República, pelo Marechal Deodoro da Fonseca, instituindo no Brasil a forma presidencial de governo e o sistema representativo, a que o Estado Novo, instituído com a Constituição de 10 de Novembro, deu nova e mais sólida estrutura, adaptando-o melhormente à realidades do meio brasileiro.

E, finalmente, o dia 25 de dezembro, dedicado à comemoração da unidade espiritual dos povos cristãos, consagrado ao dia de Natal, aos festejos celebrados no seio da família e na paz do lar.

São esses os sete feriados do Brasil Grande bem na sua memória, menino, a expressão desses dias e veja que o Brasil comemora quatro datas universais como feriados e apenas três datas da sua história estão consagradas como tal. Isso porque o Brasil é um país onde impera o sentimento de fraternidade para com os outros povos, e também porque são numerosas e equivalentes, entre si, as datas que recordam grandes feitos heroicos brasileiros, como as batalhas em que se empenhou o nosso Exército e a nossa Marinha, as datas que assinalam

grandes acontecimentos, como o descobrimento do Brasil, a abolição da escravidão e tantas mais.

## - 25 -

O Brasil é bom porque é uma democracia. Democracia é o governo do povo. No Brasil o governo emana do povo. O Presidente da República é um delegado da confiança popular, exercendo o governo em nome do povo. A forma republicana e representativa do governo, característica da democracia, faz parte dos fundamentos constitucionais. Outra característica do regime democrático é a temporariedade das funções governamentais, também inscrita na Constituição de 10 de Novembro. Essa Constituição não é materialista, porque não coloca a ordem econômica acima de tudo, – princípio adotado nos sistemas fascistas e comunistas. É espiritualista, porque se preocupa com a pessoa humana e com os direitos dos cidadãos, encarando o indivíduo como uma expressão social e como um valor positivo, votando-se à proteção da juventude, da infância e da maternidade, ao desenvolvimento da educação e ao estímulo às artes, letras e ciências. Conservando no Brasil o espírito democrático, a nova Constituição suprimiu, no entanto, males antigos que ameaçavam o Brasil, dando-lhe unidade, como jamais havia sido possível.

Não há mais divisão política, pois os partidos foram extintos, desaparecendo os focos de agitação. Não há mais divisões regionais, pois a política do governo, em matéria de melhoramentos públicos e realizações administrativas, caracteriza-se pelo propósito de beneficiar indistintamente todas as regiões. Não há mais divisões de classes, porque ficou estabelecida a igualdade entre o capital e o trabalho, entre o patrão e o operário, criando-se a

Justiça do Trabalho para resolver as questões controversas. Não há divisões de raça, pois só o mérito dá o privilégio da ascensão social. Não há divisões de religião: todos têm a liberdade de professar qualquer culto, porque todos nós falamos o mesmo idioma com a mesma sintaxe e a mesma prosódia.

Antigamente, o Brasil estava dividido. Havia Estados que tinham Exércitos próprios, com armamento de guerra, incluindo até tanques e canhões, e que punham em circulação moeda própria, ferindo privilégios da União. Hoje, só há um Brasil, só há uma bandeira, só há um Chefe!

Eis porque o Brasil de hoje é diferente do Brasil de ontem. Eis porque já podemos afirmar, com júbilo e entusiasmo patriótico, que o BRASIL É BOM.

## - 26 -

O Brasil é um grande país. O Brasil só precisa de ordem para progredir a passos firmes. O dever de todos os patriotas é o dever da ordem. Nação de vasto território, com oito milhões e quinhentos mil quilômetros quadrados, com 1.405 municípios, dos quais 1.010 cidades e 295 vilas, a grande Pátria brasileira é o maior país da América do Sul e a maior nação latina do mundo.

Dada a vastidão do seu território, o Brasil necessita grandemente de transportes. Navios, trens de ferro, autos, aviões comerciais e militares a serviço do correio aéreo, cruzam o seu imenso território. Mas ainda é pouco. O Brasil necessita de linhas férreas de penetração, rumo ao Oeste.

O menino sabe que há quatro pontos cardiais. Norte, sul, leste e oeste. Ao Norte, temos os Estados do Amazonas, do Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, etc. A Leste, o litoral, isto é, a costa do Atlântico. Ao Sul, os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. E a Oeste: A Oeste temos as vastas regiões de Minas, de Goiás e de Mato Grosso. Regiões onde as culturas agrícolas podem constituir uma riqueza imensa para o Brasil. Mas, para isso, é preciso que haja transportes, porque não adianta produzir, sem haver escoamento do produto.

O futuro do Brasil está na marcha para o Oeste. Foi a marcha épica dos bandeirantes para o Oeste que marcou o início da civilização brasileira. A marcha para o Oeste coroará, agora, essa civilização. O Presidente do Brasil quer rasgar novas vias de comunicação, aumentando, no rumo ao Oeste, os nossos

trinta e poucos mil quilômetros de linhas ferroviárias. O trabalho de todos os brasileiros construirá um Brasil maior. E o sentimento da ordem será o colaborador principal da grandeza do país.

Brasileiros: pela lei e pela ordem!

## - 27 -

O novo regime instituído no Brasil é, sobretudo, um regime em que se afirma o princípio fundamental da valorização do fator humano. O homem, o indivíduo, a criatura adquiriu, na nova Constituição brasileira, uma significação e um prestígio maior e mais amplo do que outrora. Esse regime criou, para o Estado, novos deveres e, para o indivíduo, novos direitos. Antes, o que se fazia era fortalecer somente o Estado, atribuindo-lhe direitos, e escravizar o indivíduo, só lhe criando deveres. O poder, isto é, o governo, forma de ação do Estado, deixa de ser o inimigo do indivíduo, para ser um servidor. E, do mesmo modo, o cidadão deixa de ser homem livre ou revoltado contra o poder, para ser o titular, o beneficiário de novos direitos. Ontem, o Estado se assentava sobre o indivíduo. Hoje, o Estado se converte em sistema de proteção ao cidadão, outorgando-lhe direitos positivos e reais, que lhe proporcionem justa participação nos bens da civilização ou da cultura. Vejamos quais são esses direitos:

- direito à atividade criadora;
- direito ao trabalho;
- direito a um padrão razoável de vida;
- direito à segurança contra os azares e infortúnios da vida, o desemprego, acidentes, doença, velhice, etc.;
- direito a condições de vida são, cabendo ao Estado o dever de administrar a higiene pública;

- direito à educação.

Além de outros direitos que são valiosas garantias oferecidas a todos os brasileiros.

O mais importante de todos esses direitos é o direito à educação. A Constituição não considera a educação apenas como simples instrumento para melhor gozo da vida. Ao contrário, encara a educação como um meio de dar à vida um sentido e um fim útil, preparando os cidadãos para melhor desempenho da sua missão social.

No novo regime brasileiro, o homem é um valor positivo. A criatura é respeitada. O indivíduo é protegido e amparado pelo Estado.

**- 28 -**

O novo regime brasileiro é uma reforma do nosso sistema político. Não é, porém, um repúdio aos ideais democráticos. Não é o abandono da democracia. A democracia continua. O que se fez foi corrigir o que nela estava errado. Foi emendar os seus vícios.

O Presidente da República adquiriu, no novo regime, a faculdade de legislar, expedindo decretos-leis sobre a organização administrativa. E isso decorre da sua própria responsabilidade pela ação administrativa do governo. Da eficiência dessa ação ninguém pode ser melhor juiz do que ele. Atribuir ao Presidente da República a responsabilidade pelo rendimento de uma máquina que ele não possa remodelar de acordo com as exigências da ação seria um contrassenso, um absurdo. Mas, o novo regime não exclui o Poder Legislativo. Apenas, dá a esse poder forma nova, para que ele possa corresponder aos seus fins. A Câmara dos Deputados vai ser constituída de outro modo. Cada Estado de pequena população terá o mínimo de três representantes. Cada Estado de grande população terá o máximo de quatro deputados. Reduzido o número de representantes, aumentará a eficiência da assembleia, ou corpo legislativo, que será a nova Câmara dos Deputados. E isso se fará sem quebra do princípio da representação proporcional ao número de habitantes de cada Estado, isto é, de cada província. A representação na Câmara dos Deputados não é uma representação dos Estados, mas a representação do país, uma vez que essa assembleia representa indivisamente a Nação, isto é, o Brasil inteiro. Fora do

estreito horizonte das preocupações regionais, a nova Câmara dos Deputados poderá se tornar um ótimo elemento de colaboração, com o interesse exclusivo da prosperidade nacional.

O novo regime criou o Conselho da Economia Nacional, que se destina ao estudo e solução dos problemas econômicos do país. Como esses problemas são de ordem técnica devem ser resolvidos fora das assembleias políticas, no caso a futura Câmara dos Deputados, e por elementos de competência especializada em tais assuntos. Esse órgão participará da elaboração das leis que interessem à economia nacional e terá caráter consultivo, opinando sempre que seja solicitado pelo Presidente da República sobre os assuntos que este submeter à sua consideração. O novo regime criou, também, o Conselho Federal, modificou o sistema de eleição do Presidente da República, que será agora em diante por sufrágio indireto. Antigamente, o sufrágio era direto, isto é, o eleitor votava diretamente num candidato à Presidência da República, o que gerava, sempre, por ocasião das campanhas eleitorais, gravíssimas agitações, desencadeando crises nefastas à administração e à vida econômica do país. Agora, ficou sendo indireto o sufrágio, sendo o Presidente da República eleito por um colégio eleitoral assim organizado:

- um grupo de eleitores designados pelas Câmaras Municipais, elegendo cada Estado um número proporcional à sua população, não podendo, porém, o máximo desse número exceder de vinte e cinco por Estado;
- um grupo de cinquenta eleitores, designado pelo Conselho de Economia Nacional, dentre empregadores e empregados, em número igual;

- um grupo de cinquenta eleitores, sendo vinte e cinco designados pela Câmara dos Deputados, e vinte e cinco pelo Conselho Federal, dentre cidadãos de notória reputação, não podendo, porém, recair a escolha em membros desses dois corpos, ou das Assembleias Legislativas dos Estados.

Só haverá eleição direta quando o Presidente da República indicar candidato em oposição ao colégio eleitoral, devendo, nesse caso, efetuar-se um plebiscito, isto é, uma consulta ao povo, que decidirá entre os dois nomes apontados.

O sistema de eleição do Presidente da República já corresponde, por si só, a uma garantia da paz interna e da tranquilidade do Brasil.

## - 29 -

O Brasil estava doente. O Brasil estava cansado. O Brasil estava enjoado da vida que levava. Porque estava o Brasil assim cansado e enjoado? Porque a sua vida estava errada. Antes de 10 de novembro de 1937, tudo andava atrapalhado. Era preciso dar um jeito no Brasil. Porque andava tudo atrapalhado? Vamos explicar. O Brasil não acreditava, nem confiava mais no regime pelo qual se pautava o seu governo. Se o país reclamava paz e ordem, dia a dia se agravava a desordem geral. O país estava gastando mais do que podia. A receita era uma. As despesas iam além. Daí faltar sempre dinheiro. Ora, quem ganha um conto de réis por mês não pode gastar dois contos. Do contrário, chega ao fim do ano com uma dívida de doze contos, sem jeito para pagar. Com o Brasil, comparando, era o que acontecia. O Presidente da República queria endireitar as coisas, equilibrando a despesa e a receita, no orçamento do país. Era preciso que as despesas do Brasil não passassem da sua receita, isto é, dos seus recursos próprios, das suas arrecadações, das rendas dos seus impostos. Mas não havia meio do Presidente conseguir o que queria. O Poder Legislativo, isto é, a Câmara e o Senado, onde eram fabricadas todas as leis do país, inclusive o orçamento, que é a chamada lei de meios, não ajudava o Presidente. Todos os esforços para estabelecer o equilíbrio orçamentário eram inúteis, eram em vão, porque a Câmara e o Senado agravavam sempre o montante das despesas, muitas vezes em benefício de iniciativas que nada tinham que ver com o interesse público. Isso é o mesmo que dizer que atiravam fora, pela janela, dinheiro do Brasil, dinheiro de todos nós...

Havia, na Câmara e no Senado, é certo, e devemos proclamá-lo, por justiça, homens de cultura, de ilustração, devotados ao bem do país, inspirados em princípios de sã patriotismo, aptos para o exercício das mais importantes funções públicas, mas esses eram impedidos de realizar obras de real mérito, ou pela indiferença com que eram recebidas suas ideias pelos seus colegas, ou em razão de defeitos da própria organização do Legislativo.

O Brasil precisava economizar e queriam fazer dele um perdulário. Sobre tudo isso, ainda havia os males da politicagem. O Brasil queria paz e só lhe proporcionavam intranquilidade e confusão. Era preciso romper com esse passado cheio de erros, embora tendo o Chefe do Governo de assumir responsabilidades de maior amplitude, juntando ao encargo administrativo o de legislar.

Agora, o Brasil convalesce. E sob o novo regime se afirmará, breve, como uma nação forte e próspera, rica e feliz, para orgulho e glória de todos os brasileiros.

## - 30 -

Eis aí um panorama da vida brasileira, um confronto do Brasil de ontem com o Brasil do hoje. O Brasil é rico. O Brasil é forte. O Brasil tem, por isso, direito a ser feliz, próspero, respeitado. Que faltava ao Brasil para isso? Um regime adequado às suas necessidades. Uma forma de governo que correspondesse aos anseios nacionais. Esse regime, essa forma de governo, o Brasil a tem agora. O Estado Novo representa esse ideal, como um imperativo de salvação do país.

Criado o novo regime, revelou-se, com ele, o Chefe de que necessitava o Brasil, o guia de que carecia a nacionalidade. Esse Chefe e esse guia é Getúlio Vargas, o homem que confia e crê no futuro da Pátria, que se desvela pelo bem do Brasil, que promove a felicidade dos brasileiros e que teve a coragem de romper com os erros do passado, para reformar o sistema de governo do país num ato de alta significação, prestigiado pelas forças armadas, fortalecido pela opinião pública, dando orientação nova à vida brasileira.

Brasileiros!

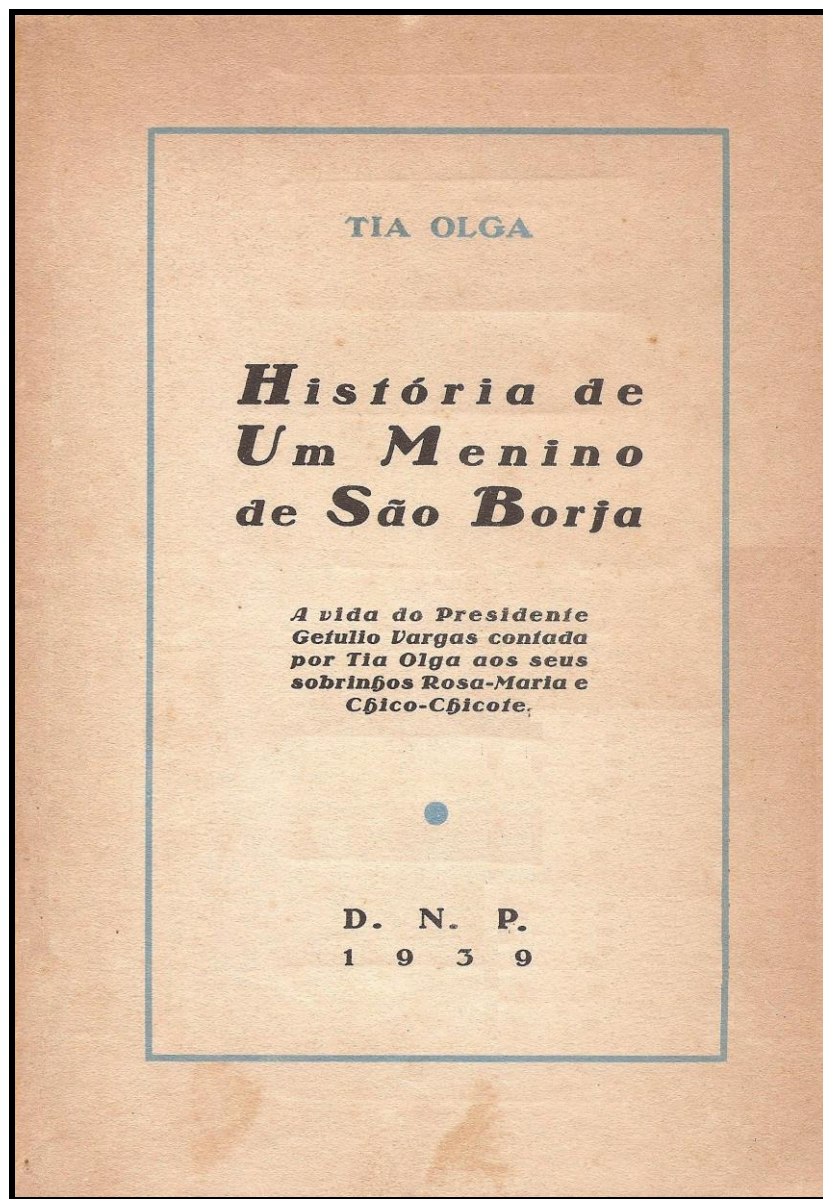
Eis aí o regime que convém ao Brasil e o Chefe que convém ao regime: o Estado Novo e Getúlio Vargas. O regime forte e o Chefe enérgico e sereno, o regime correspondendo aos reclamos da consciência nacional e o Chefe correspondendo ao espírito e às necessidades do regime.

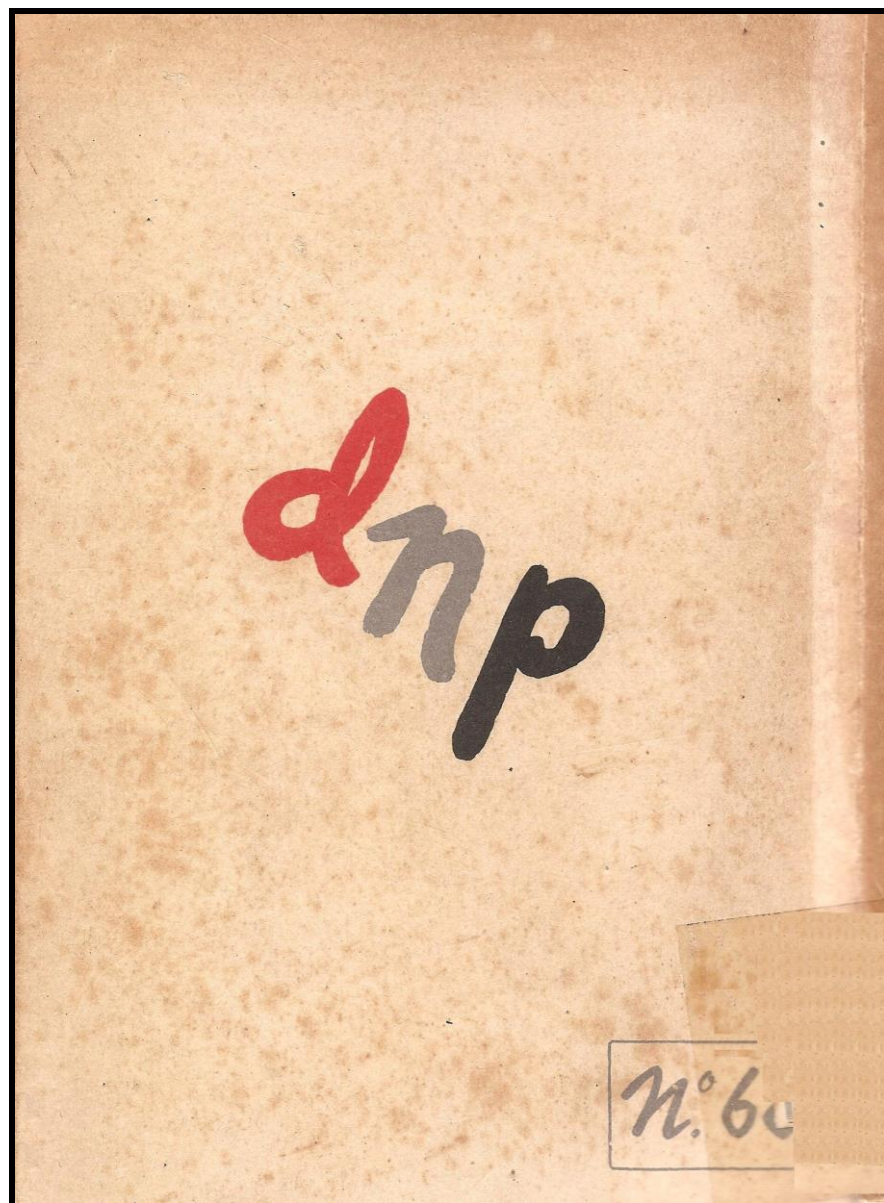


***HISTÓRIA DE UM MENINO DE SÃO  
BORJA***

O Departamento Nacional de Propaganda, em 1939, publicou um trabalho de natureza biográfica a respeito de Vargas, o qual era voltado ao público infantil. O título, apresentando progressivamente entre a capa e a folha de rosto, mostrava a intenção do livro em descrever aquela biografia a partir da infância do protagonista, trazendo como narradora, e mesmo autora, “Tia Olga”, a qual pretendia contar a história em pauta aos seus sobrinhos. A ideia fundamental era trazer o conteúdo em uma forma mais aprazível, tal qual uma tia a contar uma historieta para as crianças, mas sem deixar de lado, ao fundo, a perspectiva propagandística acerca da autoridade máxima do Estado Novo. O livro *História de um Menino de São Borja* – a vida do Presidente Getúlio Vargas contada por Tia Olga aos seus sobrinhos Rosa Maria e Chico Chicote contava com oitenta páginas, no formato 14 X 20 cm., sendo a capa impressa em quatro cores e o miolo em preto, com as margens e as iniciais da primeira palavra de cada capítulo, em letra capitular, na cor azul. A fonte da letra era em tamanho grande, com a utilização do negrito e um espaçamento entrelinhas bastante expressivo. Ao longo das páginas apareciam também dez gravuras, ilustrando certos segmentos do livro. A pequena ilustração da capa trazia um cavaleiro fazendo uma saudação com o chapéu, cavalcando sua montaria empinada, como uma alusão à figura do gaúcho, em referência às origens do personagem em destaque, o “Menino de São Borja”.







Através de algumas das ações do Departamento Nacional de Propaganda, “o culto a Vargas foi implementado pela publicação de diversas biografias do Presidente, ilustradas ou em forma de ‘santinhos’, distribuídos nas portas das escolas”. Tais publicações ressaltavam “a figura ‘excepcional’ de Vargas e sua afeição pelos jovens e pelas crianças”<sup>10</sup>. Nesse quadro, “a exaltação do chefe nesse tipo de política tem um significado especial” pelo qual “ele se apresenta como defensor dos valores supremos, instrumento onisciente de sua realização, encarnação dos ideais nacionais” e, no conjunto “designado como objeto supremo do amor político”. Assim, “os biógrafos de Vargas traçaram seu perfil psicológico insistindo na capacidade de entendimento e controle das massas”, de maneira que a “ampliação da alma do indivíduo” refletia a própria “alma da nação”, havendo um “lado afetivo na relação líder/massa e no domínio do chefe sobre a multidão, a exemplo do domínio do chefe da família sobre os demais membros”<sup>11</sup>.

De acordo com tal perspectiva, “cartilhas destinadas ao público infantil traduziam a biografia do Presidente na história do menino-herói talhado para a missão que lhe fora reservada, de condutor da nação”<sup>12</sup>. Nelas o Presidente é apresentado como “o líder capaz de detectar e afastar os inimigos e criar o

---

<sup>10</sup> PAULO, Heloísa Helena de Jesus. O DIP e a juventude – ideologia e propaganda estatal (1939-1945). In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 7, n. 14, mar.- ago. 1987, p. 102.

<sup>11</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. 2.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 283.

<sup>12</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi (dir.). *Estado Novo: a construção de uma imagem*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997. p. 19.

Estado Novo”<sup>13</sup>. Dessa maneira, essa “intensa bibliografia” que “foi produzida pela imprensa oficial para cultuar a personalidade de Vargas” trazia “várias ‘histórias de Vargas para crianças’”, que “chegaram às bibliotecas, demonstrando como, desde o nascimento, Getúlio estaria fadado a liderar seu povo em um grande projeto”. Era ensinado “também que Vargas, desde muito cedo, tivera a antevisão de que a política, partidos e parlamentos eram elementos espúrios, perniciosos à sociedade”<sup>14</sup>. Em tal produção de livros e livretos, eram mencionados “insistentemente os atributos intelectuais, políticos, administrativos e humanos de Vargas”. Além disso, nas suas biografias, eram atribuídos “inúmeros dotes intelectuais ao Presidente, que se resumiam na afirmação de que Vargas era ‘homem de pensamento’, além de ‘homem de ação’”<sup>15</sup>.

Nessa linha, a biografia traçada em *História de um Menino de São Borja* trazia consigo a intenção da glorificação de Vargas e do regime, prendendo-se à edificação da nacionalidade, de modo que o olhar para o passado do personagem deveria ter por sentido o estabelecimento de paradigmas para o presente. Dessa maneira, a biografia era entabulada a partir do pressuposto da heroicização e visando à edificação de valores morais que deveriam servir de exemplo às

---

<sup>13</sup> LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. 2.ed. Campinas: Papirus; Editora da UNICAMP, 1989. p. 49-50.

<sup>14</sup> D'ARAUJO, Maria Celina. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 36.

<sup>15</sup> GARCIA, Nelson Jahr. *O Estado Novo: ideologia e propaganda política*. São Paulo: Loyola, 1982. p. 90.

gerações vindouras<sup>16</sup>. De acordo com tal perspectiva, esse tipo de biografia carregava consigo um papel na construção da ideia de nação, imortalizando heróis, ajudando a consolidar um patrimônio de símbolos feito de ancestrais fundadores, monumentos e lugares de memória<sup>17</sup>.

Em tais casos, a biografia se destinava a satisfazer um desejo universal de manter vivas as memórias daqueles que teriam se distinguido da massa da humanidade<sup>18</sup>. Essas construções intelectuais eram voltadas a uma antiga concentração plutarquizada, às tumbas, aos panteões e aos personagens principais<sup>19</sup>. A biografia trazia em si a intenção de querer fazer do personagem uma revelação da essência da humanidade<sup>20</sup>, a partir de uma superfície factual do passado, com a preeminência dos acontecimentos políticos, militares e da corte<sup>21</sup>. Nesses escritos o homem ocupava uma posição ético-moral, a serviço da realização de uma ideia, da qual é o portador, vinculando-

---

<sup>16</sup> DOSSE, François. *Le pari biographique: écrire une vie*. Paris: Éditions La Découverte, 2005. p. 133-211.

<sup>17</sup> PRIORE, Mary del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. In: *Topoi – Revista de História do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ*. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 8.

<sup>18</sup> LEE, Sidney. *Principles of biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1911. p. 7.

<sup>19</sup> MADELENAT, Daniel. La biographie aujourd'hui : frontières et resistances. In: *Cahiers de l'Association internationale des études francaises*. Paris, v. 52, n. 1, 2000, p. 158.

<sup>20</sup> BORGES, Vavy Pacheco. Fontes biográficas: grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 226.

<sup>21</sup> LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 220.

se à definição do patrimônio e da memória nacionais<sup>22</sup>. A intenção fundamental do livro destinado pelo órgão propagandístico do Estado Novo ao público infanto-juvenil era assim demonstrar a necessidade da permanência do regime e de seu líder à frente da administração do Brasil.

Logo na abertura da publicação, aparecia a explicação de que a “Tia Olga” costumava contar histórias para os seus sobrinhos e, bem de acordo com os pressupostos cívicos do Estado Novo, as suas narrativas traziam “episódios da vida dos grandes homens”, de modo que “os heróis e os príncipes” reviviam “nas imaginações curiosas” das crianças. Na apresentação em pauta, “Tia Olga” se propunha a contar uma “história moderna”, ou seja, do tempo contemporâneo em relação à narração. Já nas primeiras páginas surgia a ilustração inaugural, mostrando uma paisagem da pequena localidade fronteira sul-rio-grandense onde nascera Getúlio Vargas, com a legenda “Uma rua de São Borja”, demonstrando o ponto de partida da narração, trazendo algumas breves explicações sobre o Rio Grande do Sul.

O primeiro capítulo, fazendo menção ao título do livro, denominava-se “O menino de São Borja”, o qual trazia algumas informações acerca da formação do mais meridional Estado brasileiro, refletindo a necessidade de apresentar ao público em geral certos conhecimentos básicos sobre o Rio Grande do Sul, uma região periférica do Brasil, notadamente, quanto ao protagonismo de até então das regiões centrais do país. A perspectiva da glorificação ficava demarcada, ao

---

<sup>22</sup> MUSIEDLAK, Didier. Biografia e história. Reflexões metodológicas. In: *Esboços – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*. Florianópolis: UFSC, v. 13, n. 15, 2006, p. 104.

enaltecer o Estado sulino como “guarda das fronteiras do Brasil”, havendo também um destaque de ordem genealógica, com a exaltação ao progenitor de Getúlio Vargas, apresentado como “exemplo de bravura e de desinteresse” e portador de “inabalável coragem patriótica”, de cujo casamento nascera Getúlio, a 19 de abril de 1883, apontado como “o herói desta história”.

Nesse capítulo inicial aparecia a segunda gravura, carregando em si o conteúdo didático-pedagógico do livro, mostrando o “Mapa do Brasil”, no qual a “Tia Olga”, da qual aparecia apenas a mão, com o dedo indicador apontava a localização de São Borja, no Estado do Rio Grande do Sul, para os sobrinhos Rosa Maria e Chico Chicote, os quais demonstravam atenção e interesse pela narração. No intento de mostrar que o Presidente tivera uma origem de igualdade em relação a todos os habitantes do país, estratégia bastante utilizada pela propaganda estado-novista, “Tia Olga” dizia que “o brasileiro Getúlio Vargas cresceu como todos os brasileiros” e, mais especificamente, quanto ao conteúdo regional, ele teria sido criado também em igualdade em meio à “gauchada” e adestrado “na escola de todos os gaúchos”, concentrada nas lides do campo, ajudando os campeiros no pastoreio do gado. Havia também uma referência à lenda sulina do “Negrinho do Pastoreio”, acompanhada por mais uma ilustração cujo conteúdo trazia a carga da necessidade do sacrifício, pregação que também se destinava ao homem comum, pelo bem da coletividade, segundo as proposições do Estado Novo.

O texto trazia ainda uma tendência intelectual-historiográfica que tomara conta do Rio Grande do Sul e daí seria levada para o resto do país, tal qual um

discurso oficial, buscando demonstrar uma brasilidade extrema dos sul-rio-grandenses. Desde a época imperial, recaía sobre a mais meridional unidade brasileira uma certa desconfiança, tempo em vista o separatismo da época da Revolução Farroupilha e a agitação bélica, durante a formação republicana, com a Revolução Federalista. O projeto de ascensão varguista, desde a década de 1920, intentou construir uma versão diferente para o Rio Grande do Sul, visando a eliminar aquele olhar desconfiado que pairava sobre si, com a utilização em larga escala da ação intelectual no sentido de recontar a história sulina. A perspectiva básica buscava demonstrar que o Estado extremo-meridional havia lutado desde o início para a afirmação das fronteiras nacionais e, portanto, nunca deixara de ser, acima de tudo brasileiro. A “história” contada por “Tia Olga” também apresentava tal vertente, com a afirmação de que os “soldados de Bento Gonçalves não eram separatistas, mas sim republicanos”, evitando falar de que houvera a República Rio-Grandense, separada do Império Brasileiro. Também era referenciado um certo caráter precursor sulino quanto à forma republicana, com a asserção de que “em 1835, diversos gaúchos de fibra haviam tentado dar um governo republicano ao Brasil”. A propalada brasilidade dos gaúchos também entrava em pauta, a partir da ideia de que o Rio Grande do Sul estava “aberto do Pampa, na região fronteira em que, por singular capricho, os brasileiros ainda são mais brasileiros que todos os outros brasileiros”.

Sob o título “Um feiticeiro dos algarismos, o segundo capítulo apresentava lances da vida escolar de Getúlio Dorneles Vargas, ficando já expressa a sua vontade de vir a ser um soldado, demarcando aquela que seria uma das

“vocações” do personagem, ou seja, desde cedo, ele estaria disposto a colocar-se à disposição para servir à pátria, bem de acordo com a proposta da propaganda estado-novista. O “Menino Getúlio” aparecia em gravura, retratado na escola, em frente ao quadro-negro, esmerando-se para resolver questões aritméticas envolvendo frações, demonstrando sua “dedicação” e a “preocupação” em não errar diante dos colegas, de modo que, perante os cálculos, ele “chegava às soluções” e “acertava sempre”. Ao jovem Vargas também era atribuída a recorrência de “ideias novas”, uma delas a que questionava o motivo de haver “tantas bandeiras no Brasil”, perguntando se não bastaria “a bandeira verde-e-amarela para ser o símbolo da Pátria”. Era a estratégia de antever os atos futuros ainda na infância do personagem em pauta, bem comum às biografias propagandísticas elaboradas durante o Estado Novo, demarcando o pensamento em torno da unidade nacional, típico do regime, e que seria simbolizado pela queima das bandeiras estaduais, com a primazia apenas da bandeira nacional.

O ingresso de Getúlio Vargas na vida militar foi enfocado no capítulo “Um soldado de dezesseis anos”, havendo amplo destaque ao papel do Exército, como a instituição que “defende as nossas fronteiras” e “garante a tranquilidade do país”, velando “pela segurança da Pátria” e aparecendo como o “organismo que assegura a paz e a tranquilidade do Brasil”, em constatações bem ao gosto do discurso estado-novista. O “rapazote guapo” Getúlio era mais uma vez destacado por suas supostas capacidades, consideradas acima do normal, de modo que, na Escola Militar, ele tivera “aproveitamento, por sua dedicação e por seu inalterável espírito de disciplina”, mantendo “o costume de estudar com gosto e

até mesmo com verdadeira paixão". "Tia Olga" dizia que Vargas não interrompia os estudos de maneira alguma, de modo que o "resultado desse estudo obstinado e ininterrupto" deixava "os professores de boca aberta". Esse capítulo apresentava mais uma gravura, com a legenda "O 25º de Infantaria", tropa em que Vargas serviu, e que mostrava militares desfilando, com as armas aos ombros e, em amplo destaque, aparecia a bandeira nacional, em clara referência aos recorrentes desfiles do cenário estado-novista.

A propalada fé patriótica do líder máximo do Estado Novo, já na juventude, era apontada pelo livro assinado por "Tia Olga", no capítulo "*Beau geste*", que se referia às disputas fronteiriças do Brasil na região do Acre, considerada como uma "situação de gravidade, de perigo nacional". Tal "questão de limites" era qualificada como um "erro de demarcação", demonstrando uma versão parcial dos acontecimentos, uma vez que se tratava de uma região que o Brasil pretendia incorporar ao seu território, tanto que negociou com a Bolívia um acordo de indenização. Diante desse acontecimento, houve mobilização de tropas brasileiras para atuarem no Acre, inclusive de forças no Rio Grande do Sul, como seria o caso do regimento em que servia Getúlio Vargas. Os supostos altruísmo e patriotismo do personagem entravam em pauta, com a narração de que ele, mesmo pensando em afastar-se da vida militar e encontrando-se doente, não deixou de prestar os seus "serviços de soldado à Pátria, no momento em que ela necessita de todos os seus filhos". Um mapa do Rio Grande do Sul ilustrava o texto, no sentido de mais uma vez enfatizar o papel sulino na defesa das fronteiras nacionais, mesmo aquelas localizadas no outro extremo do país.

O afastamento de Vargas da Escola Militar, que envolveu certa controvérsia, foi traduzido pelo livro como um ato cercado de normalidade e espontaneidade de parte do jovem soldado.

A vida acadêmica na Faculdade de Direito e o ingresso de Getúlio Vargas na vida profissional eram tratados no capítulo “Um advogado fora do comum”, o qual explicitava que, depois de ter “prestado valiosos serviços ao Brasil, como soldado”, o personagem voltara-se à vida universitária, na qual teria andado “com tanta facilidade” e “tanto desembaraço”, desenvolvendo “intensa vida acadêmica” e conquistando o reconhecimento dos colegas como um “político de mão cheia”. Nascia assim, sua “vocação para a política”, já na Faculdade, mas também nas primeiras experiências profissionais, como Promotor Público, função na qual inaugurava seu “contato direto com o povo”, ação que os órgãos de propaganda repetiriam recorrentemente durante o Estado Novo. A vida pessoal de Vargas ganhava destaque, como o caso de seu casamento, de modo que os elogios eram estendidos à sua esposa, qualificada como “bondosa e caritativa”, agindo para proteger “os pobres e os desamparados”. A ação de Getúlio Vargas como deputado estadual e federal também foi enfatizada, bem como o seu desencanto para com vários dos membros do parlamento nacional, desqualificados em todos os sentidos, inclusive por meio de uma gravura que mostrava os políticos como falastrões e desinteressados pela coisa pública. Diante disso, a narração demarcava que Vargas reagira com muito trabalho perante aquela “desordem” e “verdadeira pouca-vergonha”, em mais uma

antecipação de um dos apelos discursivos do Estado Novo, no intento da demonstração que se tratava de um regime que reagira contra a “má política”.

A participação de Vargas na esfera federal, como ministro, e, depois, na regional, como chefe do Executivo gaúcho, era o tema do capítulo denominado “Um Presidente danado para tralhar”. “Tia Olga” dizia que, à frente da pasta das finanças nacionais, “o menino de São Borja continuava subindo e brilhando”. A visão negativa quanto à ação dos partidos políticos, típica da época do Estado Novo, também compunha a narração demarcada no livro, ao abordar a chegada de Getúlio Vargas ao governo do Rio Grande do Sul, passando a enfrentar as “lutas políticas” e o “ambiente de agitação dos espíritos”, e a buscar “promover a pacificação política do Estado”. Em tal cargo, o personagem teria pensado nos agricultores, nas crianças e nas questões de ordem econômica, como um “homem danado para trabalhar”, contando com uma “resistência formidável”, vindo a acabar “com o bate-boca dos políticos” e obrigando “todo mundo a trabalhar”. Em consequência de tal atuação, o livro buscava explicitar que Getúlio Vargas tornara-se um “ídolo do Rio Grande” e mesmo do país como um todo, o qual teria começado “a olhar com respeito para aquele homem que trabalhava em silêncio, com uma honestidade impecável e com um superior sentido de patriotismo”.

Os episódios que marcaram a derrotada definitiva da República Velha foram tratados no capítulo “História de uma represa que rebentou”, a partir da comparação de tal acontecimento com o espocar da Revolução de 1930. O protagonismo de Vargas continuava sendo enaltecido, como “o homem talhado

para grandes coisas”, de modo que “os caminhos certos da Providência seriam indicados ao seu gênio político”. A Aliança Liberal era definida no livro como um conjunto de “moços que tomavam a si a defesa da vergonha do país” e a figura que ilustrava aquela seção mostrava a “Leitura do programa de governo, pouco antes da Revolução de 30”, trazendo Getúlio Vargas ao lado de João Pessoa, discursando diante de um público em plena aclamação. Era explicado que “o povo gostou das maneiras daquele homem manso e sério”, de modo que “votou em massa em Getúlio Vargas”, entretanto, os “papões do governo”, a partir de “manobras feitas no escuro”, renegaram “a expressão da vontade do povo”. A partir desse enfoque, a Revolução de 1930 era encarada como “um movimento nacional de entusiasmo”, que expressara a “vontade nacional”, pois estaria a libertar o “coitado do Brasil, que estava nas mãos de gente ruim”. Diante disso, lançava-se o argumento de que “o povo elegera o Menino de São Borja” e ele se colocara à disposição do país para, em essência, trabalhar.

Dando continuidade ao capítulo anterior, o seguinte chamava-se “E como trabalhou!...”, com a asseveração de que “não há trabalho que vença esse homem”, em apreciação laudatória acerca das pretensas capacidades de Vargas. Nessa linha, ficava demarcado que “estava inaugurada uma época de trabalho e de renovação”, em antagonismo com o modelo oligárquico tradicional decaído. Daí em diante, o livro seguia os moldes da maior parte das publicações do DNP, apresentando algumas das “realizações” do governo varguista, com destaque para as medidas de natureza econômica, a legislação trabalhista, a assistência à saúde e à educação e o reaparelhamento militar, em um conjunto de atividades

que teria servido para por “o Brasil nos eixos em poucos anos, endireitando com sabedoria e justiça mil e um desarranjos em que ninguém teria coragem de mexer”. Houve um amplo esforço do texto para demonstrar a aceitação popular de Getúlio Vargas, com a consideração de que “o povo, tranquilo, satisfeito, aclamava nas ruas o Chefe, que era dono do sorriso mais acolhedor de todo o Brasil”. Além disso, a permanência de Getúlio Vargas no poder, após a reconstitucionalização, segundo a versão em pauta, fora fruto da vontade e da “voz do povo”, que seria “amigo” do Presidente.

Os ataques à vida político-partidária, concernentes à construção discursiva estado-novista foram o tema central do capítulo “Senhora Dona Política coberta de ouro e prata...”. Tais males eram representados por um desenho denominado “Dona Política”, no qual uma figura feminina, lembrando uma malévola bruxa, em vestes negras, e cercada por gatos pretos, símbolos populares de mau agouro, carregava uma trouxa identificada com as intrigas e tinha ao seu ombro um papagaio, em alusão aos políticos parlapatões. Bem nos moldes das manifestações que buscaram justificar a instalação do Estado Novo, o livro se referia a “uma política medonha, decadente, arruinada, cheia de lombrigas e ignorante”, a qual “atrapalhava tudo”. Havia também referências ao “perigo comunista” e à campanha eleitoral de 1937, igualmente elencados como ferrenhos adversários dos perpetradores do golpe de novembro deste ano, segundo os quais, aqueles fatores teriam constituído “ameaças de desordem”. Contra tal circunstância, teriam se levantado o Presidente, o Exército e até mesmo o povo, uma vez que “a voz do Brasil inteiro” estaria a pedir “ordem paz,

trabalho e progresso". Nesse quadro, a instauração do regime estado-novista teria sido festejada pelo povo nas ruas, comemorando o "nascimento do Estado Novo e a morte da Dona Política".

Sob o título "O general que venceu todas as batalhas", o derradeiro capítulo trazia a ação de Vargas no Estado Novo, o qual era apontado como o momento em que o Presidente promovera a "salvação do Brasil", pois "nunca" teria havido "em nossa terra um brasileiro mais brasileiro que ele", de modo que, com o regime instaurado a 10 de Novembro de 1937, o líder teria dado "ao país uma forma nacional incomparável". Era lembrado o episódio da infância, no qual Getúlio questionara a existência de tantas bandeiras, o que fora por ele, já adulto, modificado, com a presença do "pavilhão sagrado" como "símbolo da Pátria unificada pelo Menino de São Borja". Vargas era ainda qualificado como esmerado trabalhador, profundamente honesto e fundamentalmente simples, não apegado a "luxos e comodidades". Bem de acordo com o pressuposto de que o chefe do regime não precisava de intermediários no contato com as massas, o texto declarava que o Presidente queria "ver a realidade e conversar com os homens do povo", de modo que tal povo estaria "sempre do lado dele, acompanhando-o alegremente em todos os instantes". O livro terminava em tom ufanista e de exortação personalista, com um entusiasmado Chico Chicote dizendo ser um apoiador incontestado do Estado Novo – como esperavam os governantes em relação aos jovens – e com um viver enfático ao "homem que venceu todas as batalhas".

Assim, por meio de *História de um Menino de São Borja* – a vida do Presidente Getúlio Vargas contada por Tia Olga aos seus sobrinhos Rosa Maria e Chico Chicote, o Departamento Nacional de Propaganda dava continuidade ao projeto de publicidade governamental, intentando demonstrar a validade do regime, por meio da exaltação da imagem do líder máximo. Vargas aparecia como detentor de todos os méritos, na busca de demonstrar uma propalada justiça em sua permanência no poder, bem como apontar para uma suposta legitimidade da ditadura que tomava conta do país. Em nome da manutenção da ordem, do progresso e da unidade nacional, a partir de um apanágio ufanista patriótico e nacionalista, era apresentada a perspectiva de que os donos do poder desde 1930 contavam com o apoio popular. Além disso, o livro intentava demonstrar que Getúlio Vargas era um indivíduo predestinado ao poder e que seus propagandeados “feitos” estariam a justificar a sua permanência à frente da administração pública brasileira. Permanecia desse modo, a ação do DNP em lançar a semente da continuidade governista em um campo que considerava formidavelmente fértil como seria o público infanto-juvenil.

#####

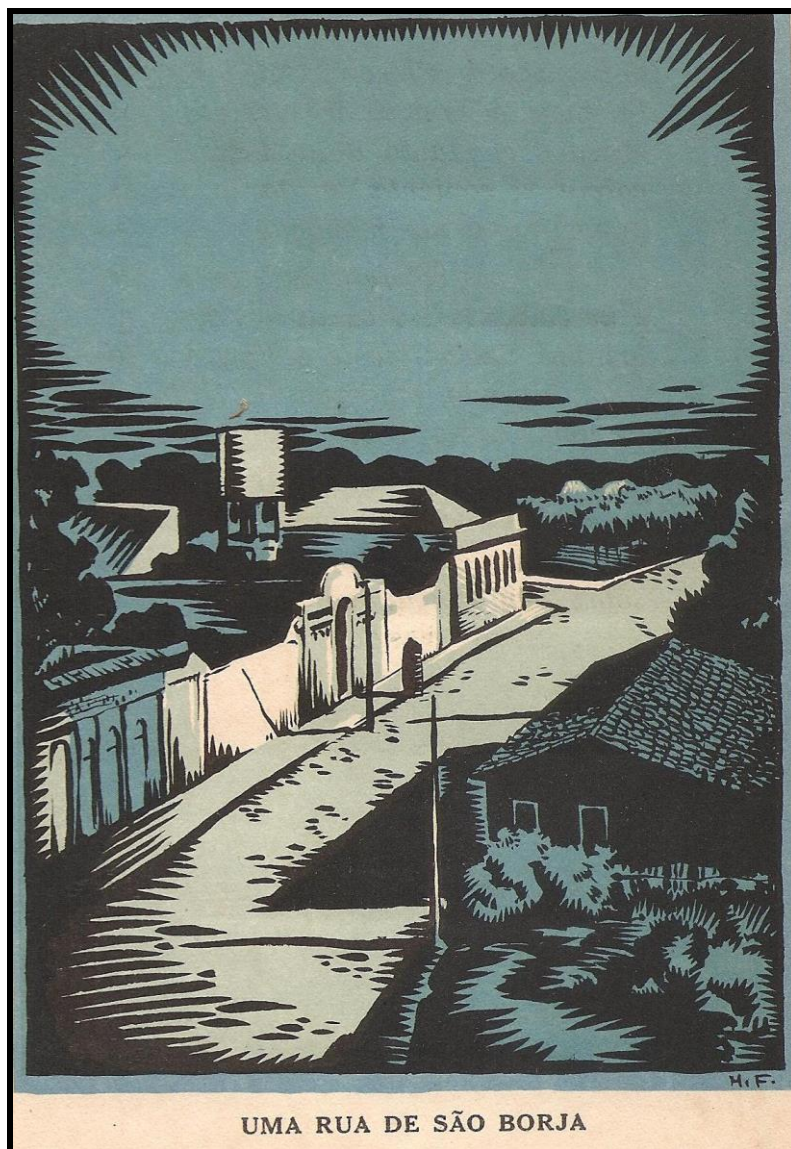
Tia Olga, Tió na intimidade, tem o costume de contar histórias para o seus sobrinhos Chico Chicote e Rosa Maria. Os dois não sossegam no dia em que ela não os reúne na sala de visitas, em torno de uma mesa redonda, para contar-lhes episódios da vida dos grandes homens.

Outro dia foi a história de Tiradentes. Depois, vieram as aventuras de Rolando, do Rei Artur e de Garibaldi.

Os heróis e os príncipes revivem nas imaginações curiosas dos dois pixotes: Chico Chicote torce pelas passagens mais sensacionais dos enredos, enquanto Rosa Maria, mais calma, se contenta em dar gostosas gargalhadas nos momentos cômicos.

Nessa atmosfera de bom-humor e de emoção, Tió conta aos seus sobrinhos Chico Chicote e Rosa Maria uma história moderna: a História de um Menino de São Borja.

E como os dois ouvintes não entendam muito ainda de geografia, Tió começa por falar aos sobrinhos sobre São Borja, sobre o Pampa e sobre o Rio Grande do Sul.



## O MENINO DE SÃO BORJA

Aqui têm vocês, sobre a mesa redonda, um mapa do Estado do Rio Grande do Sul. Olhem: quase não há nesse mapa as cores escuras que marcam, nas cartas geográficas, os relevos das serras e das cordilheiras.

O Estado do Rio Grande do Sul é quase na sua totalidade uma sucessão de planícies, de terras sem elevação montanhosas. A essas planícies foi dado o nome de PAMPA.

O Pampa é a extensão horizontal, a planura sem montes. Campinas e mais campinas, pradarias e mais pradarias, plantações sem fim, pastagens onde correm cavalos bravos e potros novos e onde, mansamente, ruminam ervas rasteiras os enormes rebanhos desse Estado pastoril.

O Pampa só perde essa fisionomia horizontal em certos lugares onde o solo se ondula em pequeninas serras que se chamam COXILHAS...

– Ah! essas coxilhas eu conheço, diz Chico Chicote. Ouvi falar numa porção de coxilhas, quando estudei as fronteiras do Brasil.

– Isso, prossegue Tió. E você há de ter reparado que as coxilhas mais numerosas do Rio Grande do Sul estão situadas na fronteira com o Uruguai, como que marcando a separação entre o Brasil e essa nação. O Estado do Rio Grande do Sul guarda as fronteiras do Brasil como se fosse um couraço

munido de sólidas defesas: coxilhas, lagoas e rios, que são os chamados limites naturais.

Rosa Maria, debruçada no mapa aberto, indica a longa linha azul eu marca o Rio Uruguai.

– Isso mesmo, minha filha. Tió ia mesmo falar no Rio Uruguai, que separa o Rio Grande da República Argentina em todo o comprimento da fronteira., foi perto desse Rio Uruguai, quase na altura em que ele recebe, pela esquerda o Rio Camaquã, que nasceu o Menino de São Borja de que vou falar.

Vejam a posição de São Borja: planuras de todo lado, para cima a Serra do Espinilho e, para baixo, a Coxilha do Rincão da Cruz.

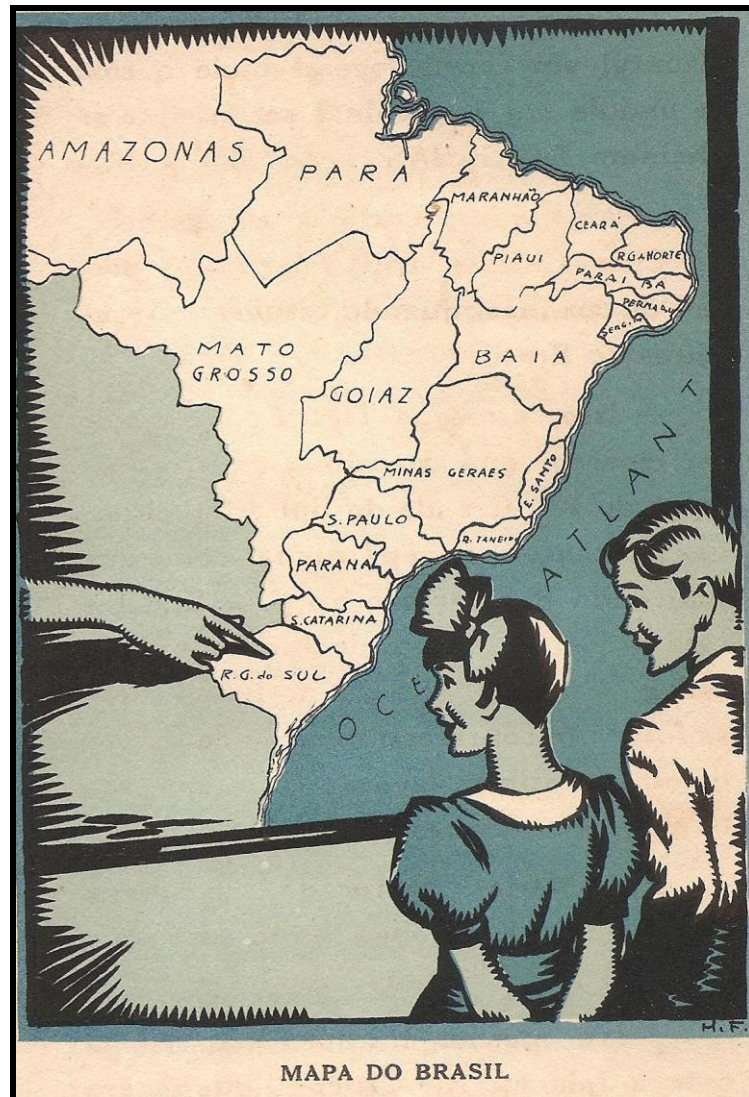
Em São Borja nasceu o menino da nossa história. Seus pais pertenciam a antigas famílias locais.

O general Manuel do Nascimento Vargas, estancieiro, exemplo de bravura e de desinteresse, quando passava pelas ruas da cidade natal era apontado a dedo pelos pais aos filhos:

– Aquele dali é o general Vargas que esteve na Guerra do Paraguai.

Esse homem de temperamento decidido e de inabalável coragem patriótica estabeleceu-se com uma estância pastoril em São Borja.

Casara-se com Dona Cândida Dornelles Vargas – e desse casamento nasceu, a 19 de abril de 1883, o herói desta história.



O brasileiro Getúlio Vargas cresceu como todos os brasileiros.

Logo que tomou ares de gente, viu-se em meio ao vasto ambiente da estância do general, que estimulava o desenvolvimento do filho largando-o no campo, onde se adestraria na escola de todos os gaúchos. O gaúcho, por ter nascido no pampa é impulsivo, não teme nada e enfrenta todas as situações. De dia, a gauchada lida no campo; à noite, sentados no galpão, diante da cuia de mate fumegante, os peões comentam as manhas dos garrotes e contam lendas do Pampa.

São histórias simples, como a do Negrinho do Pastoreio, menino tiziu que era escravo de um estancieiro mau e que o patrão botou amarrado em cima dum formigueiro, por ter o Negrinho perdido uma corrida de cavalos. O Negrinho ficou no formigueiro três dias e três noite – e quando o homem mau foi ao formigueiro ver o fruto do seu trabalho amaldiçoado, viu que o tiziu estava são e salvo, com uma luz em volta da carapinha – porque o Negrinho era afilhado de Nossa Senhora, que é a Madrinha de quem não tem madrinha.

O menino Getúlio também se acorrou no galpão, nas noites de frio; também chupou o chimarrão pela bombinha de prata dos peões e escutou, trêmulo, comovido, a história do Negrinho do Pastoreio.

O Menino de São Borja escutou ainda outras histórias gauchescas: deliciouse com as peripécias da Salamanca do Jarau, com o M'Boi Tatá, com as astúcias de peões castelhanos e com as narrativas surpreendentes da Guerra dos Farrapos.

Quis saber ao certo quais tinham sido as intenções da Farroupilha; ficou contente quando soube que os soldados de Bento Gonçalves não eram separatistas, mas sim republicanos.

O Menino de São Borja era mais que Menino de São Borja e mais que gaúcho: logo que se sentiu gente já era brasileiro da gema. E teve uma grande alegria ao saber que, já em 1835, diversos gaúchos de fibra haviam tentado dar um governo republicano ao Brasil.

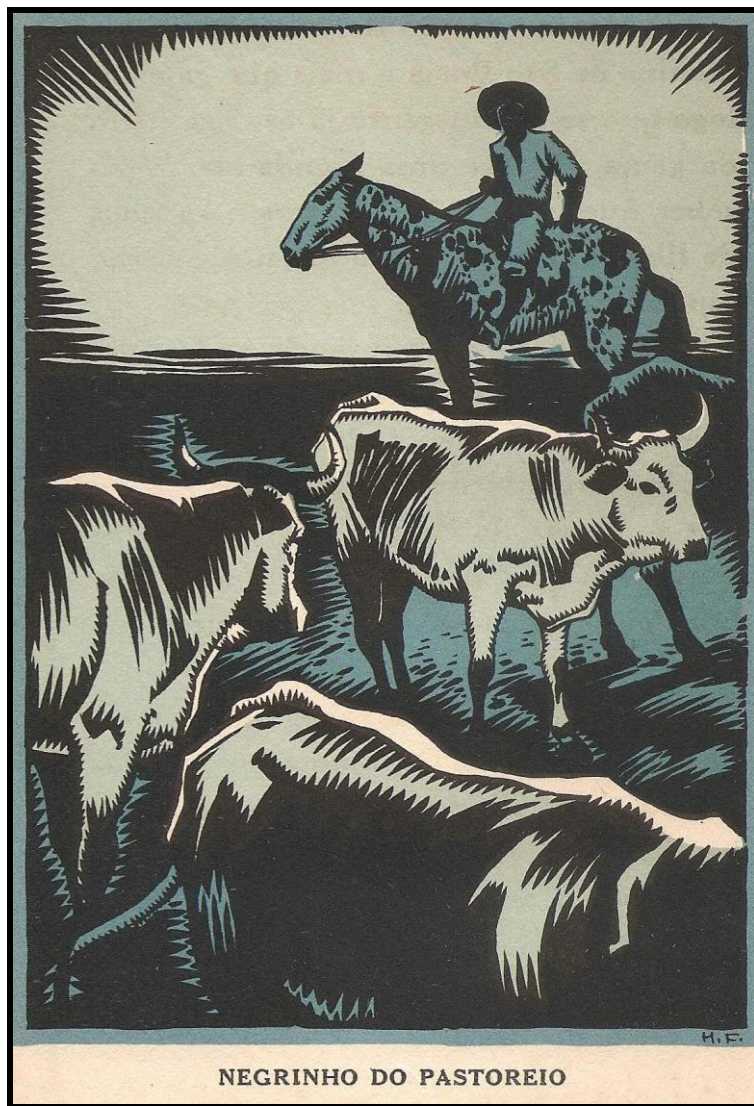
Assim decorreu a infância de Getúlio Vargas. Antes de entrar para a escola, o menino aprendeu todas as realidades da vida no contato com a própria vida, no campo aberto do Pampa, na região fronteira em que, por singular capricho, os brasileiros ainda são mais brasileiros que todos os outros brasileiros.

O menino correu as campinas no lombo nu dos baguais<sup>23</sup>, ajudou os campeiros no pastoreio do gado xucro e ouviu histórias de fantasmas e de bruxarias nas reuniões ao anoitecer.

Assim, pode crescer com força e alegria, como uma jovem árvore plantada na Terra do Brasil.

---

<sup>23</sup> Cavalos novos.



## UM FEITICEIRO DOS ALGARISMOS

O velho Fabriciano Braga recebeu com bom-humor aquele menino corado e bem disposto que apareceu em seu colégio, uma pasta de couro a tiracolo.

- Como é seu nome?
- Getúlio Dorneles Vargas.
- Você é filho do general Vargas?
- Sou, sim senhor.
- Quer entrar para a escola?
- Sim, senhor.
- Que é que você quer ser?
- Quer ser soldado.

Ao filho do general não podiam, nessa época juvenil, ter surgido outras ideias. Uma carreira o fascinava: a das armas. Queria ser soldado, como o pai.

O velho Braga gostou do menino logo de saída.

Haveria de ir gostando mais ainda, ao ver a dedicação do garoto, sua preocupação em não levar quinaus dos companheiros, suas ideias novas nisto, naquilo e naquilo outro.

As aulas corriam normalmente.



Fabriciano explicava a organização do governo.

De repente no meio do silêncio, o Menino de São Borja levantou o dedo e perguntou:

– Professor...

– Que é que há?

– Porque é que há tantas bandeiras no Brasil? Não bastava a bandeira verde-e-amarela para ser o símbolo da Pátria?

O velho Fabriciano não soube responder. Como, aliás, não saberiam responder os velhos Fabricianos de todas as escolas do Brasil aos alunos que lhes fizessem a mesma pergunta. Tais ideias “esquisitas” marcaram Getúlio Vargas na escola provinciana.

“Esse menino promete...” – monologava o professor.

Quando havia visita ao colégio, o Menino de São Borja era chamado ao quadro negro para resolver o problema das galinhas e dos coelhos, tantas galinhas, tantos pés, quantos são os coelhos. A mão rápida enchia o quadro de algarismos.

Quando chegava à solução, dava o último traço, limpava as mãos da poeira branca do giz e dizia ao Professor: os coelhos são tantos, as galinhas são tantas.

Havia um frêmito de emoção na sala – e os outros meninos viam nos gestos do matemático de um metro de altura qualquer coisa de feitiçaria.

A feitiçaria dos algarismos foi uma fonte de vitórias para o filho do general Vargas. Ele sabia que, para ser soldado, ia precisar das tais matemáticas.

Fincou pé nas contas simples e chegou às contas complicadas. Era um bicho na multiplicação; dividia com calma e simplicidade: acertava sempre.

O general Vargas, envaidecido com os triunfos do filho, dava-lhe belos períodos de férias no campo.

Aí, nas corridas livres pelas planícies, o mágico dos cálculos aritméticos de novo se integrava na terra, mestra suprema de energia e de entusiasmo.

## UM SOLDADO DE DEZESSEIS ANOS

Chegou assim aos dezesseis anos.

Estudando, vivendo sempre junto à terra.

Em 1899 já era um rapazote guapo, de ideias amadurecidas, afiado nas coisa que aprendera com o velho Braga.

Para ser oficial do Exército, deveria entrar na Escola Militar de Rio Pardo. Mas, para ingressar nessa Escola Militar, teria que fazer antes um estágio num corpo de tropa regular.

Apresentou-se no 6º Batalhão de Infantaria do Exército e assentou praça.

– Do Exército? – indaga Rosa Maria. – Aquele mesmo que formou no dia 7 de Setembro?

– Esse mesmo, – explica Tió. – O Exército é um só. É ele quem defende as nossas fronteiras, quem garante a tranquilidade do país, quem vela pela segurança da Pátria. O Exército tem centenas de postos de serviço, centenas e centenas de batalhões, de regimentos, de destacamentos por todos os cantos do Brasil. Apesar – de ser tão dividido e tão repartido pelo país inteiro, não há corpo mais unido. O Exército é um só – como o Brasil que ele defende.

– Eu quero entrar para o Exército – diz Chico Chicote, empinando o peito.

– E entrará – continua Tió. – Você entrará para o Exército, como todos os brasileiros. O serviço militar obrigatório põe os jovens nas fileiras desse organismo que assegura a paz e a tranquilidade do Brasil. Quando você completar dezesseis anos, poderá entrar para o Tiro de Guerra, onde ganhará a carteira de reservista.

– Falta pouco, – diz Chico Chicote. – Já tenho doze anos...

– Sossega, gafanhoto! Cresça e apareça – comenta Rosa Maria, num gargalhada.

– Foi o que fez o Menino de São Borja, – continua Tió, serenando os ânimos dos dois. – Cresceu e apareceu diante do comandante do 6º Batalhão de Infantaria do Exército.

Aí serviu um ano – e por seu aproveitamento, por sua dedicação e por seu inalterável espírito de disciplina foi promovido a 2º sargento.

Com as quatro divisas no braço esquerdo, o sargento de dezesseis anos matriculou-se então na Escola Militar do Rio Pardo.

Era um antigo sonho que ele realizava com essa matrícula.

Acostumado a não perder tempo – não perdeu o costume de estudar com gosto e até mesmo com verdadeira paixão.

Já tinha, completo, o curso primário. Tratou de acabar também o curso de preparatórios. Em 1900 e em 1901, cuidou disso.

Entrava dia e saía noite, lá estava o rapaz estudando regra de três, raiz quadrada e equação de primeiro grau.

Enquanto os outros alunos da Escola aproveitavam as folgas para passeios e namoros, Getúlio ficava no alojamento dando buscas nas tábuas de logaritmos e devorando livros de filosofia.

E o resultado desse estudo obstinado e ininterrupto era que, nas provas e nos exames orais, os professores ficavam de boca aberta, o aluno falava, falava, falava, citava isto e aquilo, ia para a pedra, improvisava uma verdadeira dança de logaritmos e de probabilidades, o radical é este, a fórmula é a seguinte, no fim, pronto, distinção!

- O Chico Chicote tirou quatro em aritmética...
- Que é isso, Rosa Maria?



Tió continua, depois de ralar com a sobrinha:

– Assim cheio de distinções, o Menino de São Borja apanhou com facilidade os primeiros lugares nas classificações finais. O Diretor da Escola chamou-o, apertou-lhe as mãos e comunicou-lhe que, em vista das belas notas e dos belos resultados que alcançara, ia ser transferido para Porto Alegre – onde serviria no 25º Batalhão de Infantaria.

## ***"BEAU GESTE"***

De Rio Pardo, assim, o Menino de São Borja transferiu-se para Porto Alegre, Capital... – ...do Rio Grande do Sul, emenda Rosa Maria.

– Muito bem. Na Capital do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas encontrou-se em ambiente muito mais dilatado. Uma capital é sempre uma capital – e quem sabe enxergar pode descobrir mil e um caminhos em qualquer dessas grandes cidades.

Getúlio apresentou-se ao comandante do 25º, que era o tenente-coronel Carlos Frederico de Mesquita.

Começou então um novo período de quartel.

Faltavam, entretanto, ao Menino de São Borja, alguns preparatórios. Não tivera tempo, em Rio Pardo, para tirar todos eles.

Nas folgas do serviço no quartel, pôs-se a frequentar a Escola Brasileira. O mundo abria novos horizontes para ele. Pensou em estudar Direito, em seguir a mais liberal de todas as carreiras liberais.

A situação do país, no entanto, nesse mesmo momento, mudaria um pouco – e assumiria um caráter de gravidade, de perigo nacional.

Foi a questão dos limites do Brasil com a Bolívia, que vocês dois já conhecem. O erro de uma demarcação de fronteiras colocou numerosos

brasileiros sob a autoridade do governo da Bolívia. Esses brasileiros começaram a sofrer vexames, foram perseguidos e, por sua vez, revoltaram-se, dispostos a resistir a qualquer opressão.

As coisas foram ficando cada vez mais complicadas – e o Exército Nacional, vigilante, tomou providências para qualquer eventualidade.

O 25º recebeu ordem de partida para Mato Grosso.

Ora, nesse mesmo instante, Getúlio Vargas pensava em se matricular na Faculdade de Direito. Ia pedir baixa do serviço do Exército.

Quando o Batalhão recebeu ordem de marcha, estava até doente. Soube do movimento das tropas. Saltou da cama e foi apresentar-se ao comandante.

– Meu comandante, acabo de saber que o meu nome não foi incluído na lista dos soldados que devem seguir para Mato Grosso...



– Você não pode seguir, nesse estado de saúde, – explicou o comandante.

– Pois estou aqui para lhe pedir licença para acompanhar o Batalhão. Quero prestar os meus serviços de soldado à Pátria, no momento em que ela necessita de todos os seus filhos!

O comandante viu que não havia outro remédio senão concordar – e o nome de Getúlio Vargas foi posto na lista do pessoal que ia para Mato Grosso. E o teimoso marcou, resolutamente, com os seus companheiros de tropa.

Mas o Brasil, por felicidade, não chegaria a entrar em guerra, nessa ocasião. O Barão do Rio Branco, que vocês conhecem de nome como o maior diplomata do Brasil, reuniu um conselho internacional em Petrópolis – e, pelo Tratado que tem o nome dessa cidade, ficou resolvida pacificamente a questão do Acre.

O Brasil não tem espírito de guerra nem de conquista. Nós só queremos o que é nosso desde que somos o que somos. O resto, não nos interessa.

Assim, o 25º Batalhão de Infantaria voltou a Porto Alegre.

Na folha de serviços do Menino de São Borja figurava mais uma honrosa indicação, um autêntico belo gesto, igualzinho àquele “beau geste” que vocês viram no cinema.

## UM ADVOGADO FORA DO COMUM

Em 1903, de volta a Porto Alegre, Getúlio Vargas matriculou-se na Faculdade de Direito.

Já tinha prestado valiosos serviços ao Brasil, como soldado.

Ia agora penetrar em outro domínio de atividade pública. Via, na advocacia, muitos e muitos caminhos novos.

Passou cinco anos na Faculdade, sem descansar um momento, estudando todos os aspectos teóricos e práticas da ciência do Direito.

Chico Chicote, quando entrar para a Faculdade, vai ver que o Direito é um mundo. Pois nesse mundo o Menino de São Borja andou com tanta facilidade, com tanto desembaraço, como quando resolvia na salinha de aula do velho Fabriciano Braga o problema das galinhas e dos coelhos.

Além disso, vivia uma intensa vida acadêmica, metia-se pelos centros de estudos, fazia discursos, inventava planos de realizações. Os colegas seguiam-no confiantes, murmurando:

– Isto está aí, está um político de mão cheia.

Getúlio Vargas, de fato, sentiu despertar a vocação para a política – e começou fazendo política na própria Faculdade.

Quis fazer uma política elevada, com ideias e planos: abriu um jornal, que tomou o nome expressivo de *O Debate*. Nessas colunas inflamadas, escreviam todos os acadêmicos e as polêmicas foram muito frequentes.

A turma recebeu os diplomas em 1907, e Getúlio Vargas foi escolhido para orador oficial.

No dia da formatura, subiu ao palco e leu um discurso sério.

Já não era mais um estudante despreocupado, sem responsabilidades. Era um advogado lançado na vida, e tinha que encarar essa vida sob outros pontos de vista.

Pouco depois de formado, recebeu uma prova de confiança do governo de seu Estado: foi nomeado Promotor Público. Nesse posto de magistratura, trabalhou durante um ano, em contato direto com o povo, na tribuna da acusação das cortes da justiça.

Não era, entretanto, homem para ficar parado, assim, sem mais nem menos, numa promotoria pública. Deixou o cargo, mudou-se para São Borja e, aí, começou a exercer a advocacia particular.

Isso no ano de 1909 – quando foi eleito, pela primeira vez, para desempenhar o mandato de Deputado Estadual. Já era homem em pleno combate da vida. Em 1911, casou-se com uma moça sua conterrânea, Dona Darcy Sarmanho.

– Ah! eu ouvi falar nuns planos de cidade operária, realizados por Dona Darcy!

– Isso mesmo, Chico Chicote, Dona Darcy é uma criatura muito bondosa e caritativa, que protege os pobres e os desamparados. É bem uma representante da mulher brasileira, mãe exemplar, esposa virtuosa e alma humanitária. Desse casamento feliz nasceram cinco filhos.

Em 1913, renunciando a sua cadeira de Deputado Estadual, Getúlio Vargas fica mesmo em São Borja, onde se dedica exclusivamente à advocacia.

Os políticos vivem cercando o advogado de São Borja – mas Getúlio Vargas resiste às investidas desses chefes eleitorais. Convidam-no para Chefe de Polícia do Estado – ele recusa.

Em 1917 é novamente eleito Deputado Estadual. Trabalha muito, na Assembleia de Porto Alegre; estuda os problemas públicos, desenvolve muita atividade, como chefe das bancadas e relator de orçamento.

Findo esse período legislativo, é reeleito mais uma vez.

Mas, nesse tempo, o Rio Grande do Sul foi agitado por um movimento rebelde. Era uma revolução política – e o antigo soldado do 25º não teve receio de pegar em armas para defender as suas convicções.

– E brigou mesmo?

– Brigou, Chico Chicote, brigou. Brigou e fez com que muita gente brigasse, pois foi ele o organizador e comandante do 7º Corpo Provisório, onde teve o posto de tenente-coronel.

Ora, vocês dois hão de concordar comigo que a carreira de um homem, igual à de Getúlio Vargas, por força desperta muito rumor em qualquer ambiente. Foi o que aconteceu, no Rio Grande do Sul.

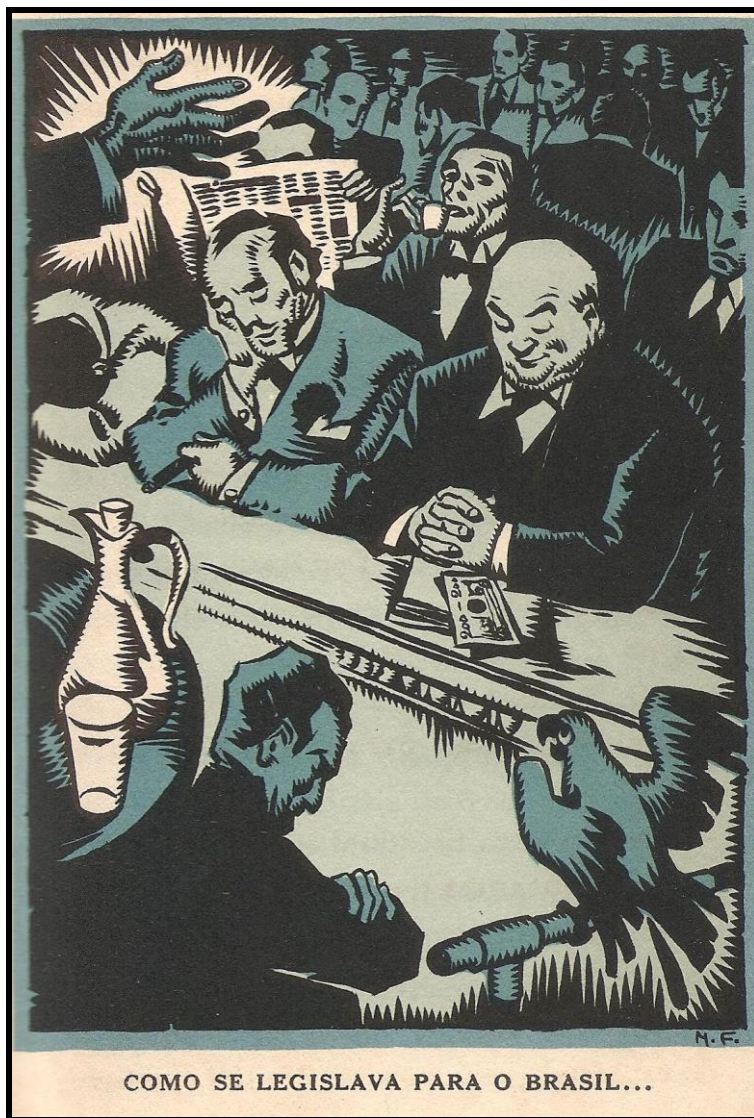
O Menino de São Borja, o peãozinho das campinas do Rincão da Cruz, o matemático de Rio Pardo, o acadêmico de Direito e o advogado, tomaram conta, rapidamente, da opinião de todos os gaúchos.

Havia ali um homem fora do comum. E os homens foram do comum logo se elevam sobre os homens comuns – isso vocês sabem, porque conhecem a história universal.

Foi por isso que os gaúchos elegeram Getúlio Vargas para Deputado Estadual. E foi por isso que, em 1923, os gaúchos elegeram Getúlio Vargas Deputado Federal.

Vocês sabem qual é a diferença entre Deputado Estadual e Deputado Federal? É muito simples: o Deputado é um cidadão que o povo elege para representar numa Câmara, a sua opinião.

O Estadual para uma Câmara Estadual; o Federal para uma Câmara Federal.



Na Câmara Estadual só tomam parte os representantes de um Estado. Na Câmara Federal, os representantes de todos os Estados.

Getúlio Vargas, depois de ser Deputado Estadual, veio para o Rio de Janeiro, sede da Câmara Federal. Já não viera muito satisfeito com o ambiente da Câmara de Porto Alegre. Piorou a impressão com o ambiente da Câmara do Rio de Janeiro.

Vocês, meninos, ainda não podem calcular o que eram essas Câmaras. Vinham homens de todos os cantos do Brasil, muitos cheios de “prosa” e de importância, sentavam-se das duas às seis da tarde nas belas poltronas do Palácio Tiradentes, tiravam boas sonecas (alguns roncavam alto), bebiam copos e mais copos de mate gelado, tinham secretários, comodidades sem conta, restaurante, barbeiro e até automóvel – e ainda embolsavam tranquilamente, no fim do mês, a quantia de 6 contos de réis, o chamado “subsídio”.

Quando dormiam durante as sessões, ainda era bom. Mas quando sofriam de insônia, faziam discursos só para atrapalhar e diziam bobagem como gente grande. Para encurtar o assunto: a tal Câmara, do jeito em que estava, era uma pândega.

– E o que fez o Deputado Getúlio?

– A sua pergunta é boa, Chico Chicote. O Deputado Getúlio revoltou-se logo de início contra aquela desordem, verdadeira pouca-vergonha. Procurou trabalhar o mais possível, para remediar à preguiça dos demais Senhores

Nobres Deputados. Trabalhou bastante, nas funções de chefe da bancada rio-grandense.

## UM PRESIDENTE DANADO PARA TRABALHAR

Em 1926, foi empossado o Presidente da República Washington Luís Pereira de Souza. O novo Presidente conhecia o Deputado Getúlio, um parlamentar que falava de finanças, estudava e trabalhava enquanto os outros dormiam e papavam os polpudos contos mensais. Chamou o Deputado Getúlio e entregou a ele o Ministério da Fazenda.

O Menino de São Borja continuava subindo e brilhando.

O Rio Grande do Sul acompanhava a carreira do ex-diretor do *Debate* – seu representante no governo do país. E o povo do Rio Grande do Sul chamou Getúlio Vargas para a Presidência do Estado. Assim, não pode o Ministro Getúlio demorar-se à frente da pasta da Fazenda mais de um ano: em dezembro de 1927 deixou o Ministério e partiu para Porto Alegre.

A 26 de janeiro de 1928, o Menino de São Borja já era o Presidente do Rio Grande do Sul. Teria que enfrentar quatro anos de trabalho – mas no Rio Grande do Sul esse trabalho podia ser multiplicado por dez.

As lutas políticas, nesse Estado, ferviam de modo assustador. Era uma barafunda formidável. Partidos de todas as cores, políticos de todos os gêneros brigavam entre si, em todos os momentos, aos desaforos e até aos muros.

O Presidente Getúlio Vargas viu que não lhe seria possível governar nesse ambiente de agitação dos espíritos. E tratou de promover a pacificação política do Estado – o que conseguiu.

Trabalhou, então, no setor da administração.

Pensou nos agricultores e fundou o Banco Hipotecário e Agrícola do Estado; criou e organizou o Serviço da Agricultura; e impulsionou o plantio do trigo.

Pensou nas crianças e duplicou o número de escolas primárias; e construiu prédios novos e confortáveis para essas escolas.

Pensou em todas as questões da economia brasileira, e construiu pontes e abriu estradas de rodagem e melhorou as condições das estradas de ferro.

– Que homem danado para trabalhar, hein, Tió?

– Danado, mesmo. É de uma resistência formidável, no trabalho. Em pouco menos de dois anos fez, no Rio Grande, o que ninguém faria em vinte anos. Não perdeu tempo e pensou em tudo.

Acabou com o bate-boca dos políticos e obrigou todo mundo a trabalhar.

Assim, ficou sendo uma espécie de ídolo do Rio Grande. O Brasil começou a olhar com respeito para aquele homem que trabalhava em silêncio, com uma honestidade impecável e com um superior sentido de patriotismo.

## HISTÓRIA DE UMA REPRESA QUE REBENTOU

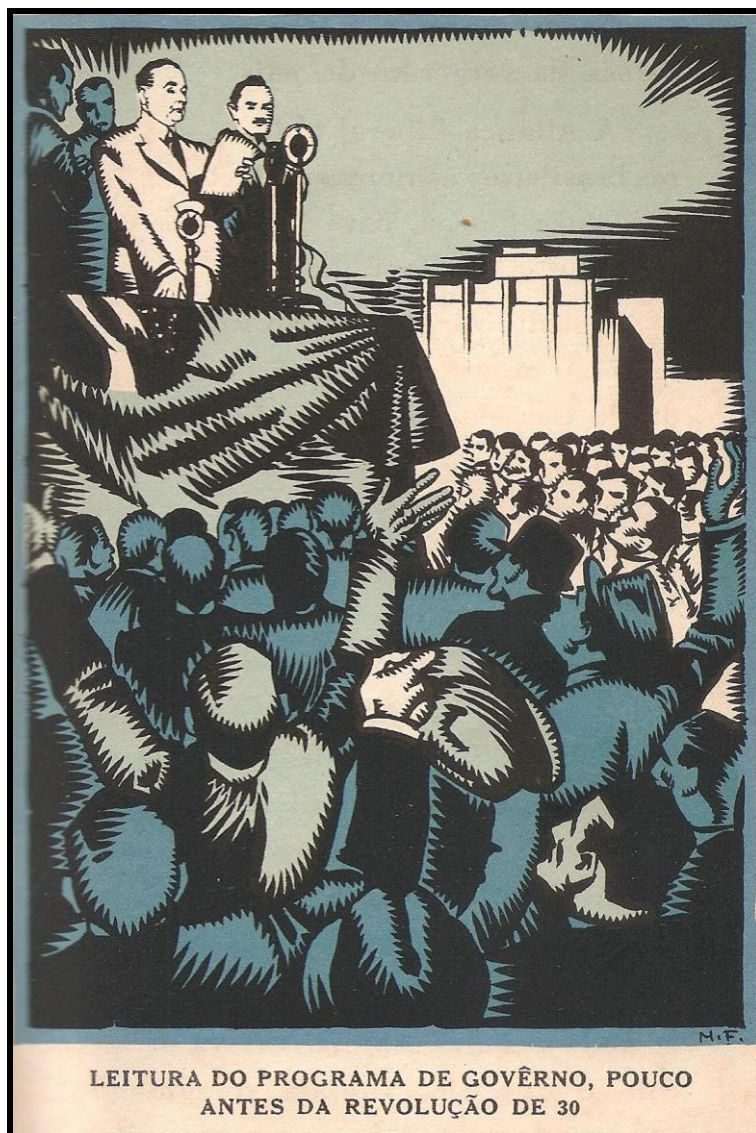
O homem estava mesmo talhado para grandes coisas, nem que fosse afilhado de Nossa Senhora, como o Negrinho do Pastoreio das histórias do galpão. E os caminhos certos da Providência seriam indicados ao seu gênio político.

Aconteceu que, em 1929, quando chegou o momento de escolher o substituto do Presidente Washington Luís, os Estados do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais e da Paraíba do Norte não concordaram com a pretensão do Governo Federal de indicar, sem maiores formalidades, um novo Presidente para o Brasil.

Não estava certo! – os três Estados se reuniram, através de figuras representativas, e gritaram isso para o Brasil todo.

Formou-se, então, com a reunião dessas forças políticas, a Aliança Liberal.

Eram moços que tomavam a si a defesa da vergonha do país.



A Aliança Liberal indicou aos eleitores brasileiros os nomes de Getúlio Vargas e de João Pessoa, para Presidente e Vice-Presidente da República.

Getúlio Vargas veio ao Rio de Janeiro ler o seu programa de governo: a Esplanada do Castelo, nesse dia, ficou que nem um mar de gente. O candidato leu tudo em calma, debaixo da gritaria entusiasmada do povo: vou fazer isto, isso, mais aquilo.

Falava serenamente, dirigindo-se ao povo. O povo gostou das maneiras daquele homem manso e sério.

E o resultado foi que, nas eleições de 1º de maio de 1930, o povo votou em massa em Getúlio Vargas.

Sabem vocês o que houve então? Os papões do governo não gostaram do resultado das eleições: não estava de acordo com o que eles tinham imaginado...

Os homens da República Velha, que tinham faca e queijo na mão, trataram de apurar as eleições lá, a moda deles. E assim se mudou, por manobras feitas no escuro, a expressão da vontade do povo.

Para que fizeram isso? O povo não gostou das manobras.

Getúlio Vargas voltou para o Sul.

As provocações começaram. E, com as provocações do Governo Central, começaram também as conspirações dos homens da Aliança Liberal.

No Norte, em emboscada estúpida, assassinaram João Pessoa.

O povo estremeceu.

Em outubro de 1930, os fios telegráficos do Brasil inteiro vibraram com a ordem da Revolução mandada de Porto Alegre: “Que é que há?”

Levantaram-se os três Estados.

Gaúchos, paraibanos e mineiros apanharam espingardas, facões de mato, trabucos e garruchas – e saíram para as trincheiras.

Foi um movimento nacional de entusiasmo e de vitória. Ninguém podia prender a velocidade da Revolução de 30.

Vocês já viram no cinema aquelas represas de água quando arrebentam? Pois foi assim, em 1930. A água tomou conta de tudo, e a República Velha morreu afogada...

– Coitada...

– Coitado do Brasil, Rosa Maria, que estava nas mãos de gente ruim, de gente que só pensava em si mesma – e o Brasil que estourasse...

No dia 24 de outubro, um grupo de generais do Exército Brasileiro tomou o poder no Rio de Janeiro.

O Menino de São Borja, que chefiava a Revolução, veio de trem do Paraná até o Rio de Janeiro, recebendo “vivas” e homenagens por todo o canto.

Era a vontade nacional que o trazia para a Capital da República.

Ele chegou, serenamente, com a mesma serenidade de sempre. Cumprimentou, sorrindo, todos os cariocas que o esperavam. Era homem de boa paz e não precisava senão de paz, para trabalhar, como sempre trabalhara.

A 3 de novembro de 1930 os generais transmitiram o governo a Getúlio Vargas.

Os generais entregaram a Getúlio Vargas o que era de Getúlio Vargas: o povo elegera o Menino de São Borja para a cadeira do Palácio do Catete.

Getúlio Vargas agradeceu as manifestações, sentou-se na cadeira, pôs os óculos, tomou de papel e tinta e disse:

– Minha gente, chega de briga e de gritaria, estamos em paz, vamos trabalhar.

## E COMO TRABALHO!...

E como trabalhou, meninos, e como trabalhou! Não há trabalho que vença esse homem!

Chamou os melhores amigos da Revolução, conversou com eles, entregou as tarefas a cada um, e mãos à obra!

Poucos dias depois de tomar conta do Catete, ele mesmo fez uma lei em que marcou o que podia e o que não podia fazer!

Não precisava do governo para abusar do povo: e começava por traçar um círculo limitado de ação.

Chamou os juizes e disse:

– Os senhores são juizes, e o Brasil precisa de Justiça. Não há Justiça sem juizes imparciais e por isso os senhores não sofrerão nada com a Revolução.

E os juizes foram respeitados e ninguém mexeu com eles.

A República Velha estava morta e enterrada, com poucas flores e sem missa de sétimo dia.

Os novos que se aproximassem, porque o Brasil precisava dos esforços de todos os homens de boa vontade: estava inaugurada uma época de trabalho e de renovação.

Foi o que se viu: reformas de todos os lados, movimentos de nacionalismo, campanhas de melhoramento político e social; o Brasil brasileiro em ação!

A economia da Nação foi guardada com sentinela à vista: não se toca nos dinheiros do povo senão para o que for indispensável. Nada de jogar dinheiro fora sem necessidade. isso era privilégio da República falecida...

Os operários foram reunidos em sindicatos, em grupos para defesa de seus direitos – e foi criado para tomar conta desses sindicatos e de todos os operários o Ministério do Trabalho.

Para dirigir o movimento de instrução do povo, em todos os lados do país, o Presidente criou o Ministério da Educação e Saúde.

Um médico célebre disse que o Brasil era “um imenso hospital”. Compreendeu o Presidente que um Brasil de brasileiros doentes e ignorantes não podia caminhar para a frente.

– Pois então, aqui temos um ministério para ensinar o ABC e combater o amarelão e as lombrigas. Não queremos brasileiros de barriga inchada e de cabeça vazia!...

O soldado do 25º lembrou ao Presidente que o Exército precisava de melhoramentos de todo gênero.

E o Exército e a Marinha receberam meios de ação nova, perfeita e moderna.

O povo, tranquilo, satisfeito, aclamava nas ruas o Chefe do Governo Provisório, que era dono do sorriso mais acolhedor de todo o Brasil...

Esse homem que sorria, entretanto, tinha o conhecimento inteiro de todas as coisas sérias.

Pôs o Brasil nos eixos em poucos anos, endireitando com sabedoria e justiça mil e um desarranjos em que ninguém teria coragem de mexer.

Tratou de reformar o sistema eleitoral do país, para evitar que se repetissem as “belezas” da República Velha e que voltassem os tempos em que até defunto assinava ata de eleição...

Criou a Justiça Eleitoral e marcou o dia 3 de maio de 1933 para a eleição da Assembleia Nacional Constituinte.

A votação foi muito diferente das antigas eleições! O povo chegou à urna com liberdade e consciência e o Brasil teve a Constituinte melhor que podia ter.

A 15 de novembro a Constituinte reuniu-se no Rio de Janeiro e começou a escrever a Constituição, que substituiria a de 1891.

Essa nova carta política do Brasil foi promulgada em 16 de julho de 1934. Nesse mesmo dia o povo brasileiro, representado na Constituinte, reelegeu o Menino de São Borja para a Presidência da República, por mais quatro anos: até 1938.

O povo queria Getúlio Vargas – e Getúlio Vargas ficou no governo.

O Brasil já devia muito ao seu trabalho formidável de organização e de progresso: a voz do povo indicou Getúlio Vargas para o primeiro período constitucional da República Nova; e a voz do povo, diz o ditado, é a voz de Deus.

Ao sair da Assembleia, depois de receber o mandato para o novo período de governo, o Presidente Getúlio Vargas viu o povo reunido diante do Palácio, levantando as mãos em aplausos ruidosos e satisfeitos.

Agradeceu, com a mesma serenidade e com o mesmo sorriso de sempre, à alegria carinhosa do povo seu amigo.

Rumou logo para o gabinete de trabalho, pôs os óculos, tomou de papel e tinta e recomeçou a fazer o que sempre fez.

– Minha gente, estamos em paz, vamos trabalhar!

## **SENHORA DONA POLÍTICA COBERTA DE OURO E PRATA...**

Só de ouvir falar no que o Presidente trabalhou a gente já fica cansada, Tió...

É para você ver, Chico Chicote. Os homens públicos no Brasil sempre trabalharam muito pouco, e todos eles, somados, não trabalharam talvez nem a metade do que o Menino de São Borja já trabalhou, pelo Brasil e pelos brasileiros.

Você quer saber por quê? Já explico.

É que, no Brasil, houve sempre uma “peninha para atrapalhar”, aquela peninha da adivinhação do cachorro que vocês conhecem.

Sabem quem era essa peninha? A Política, a Senhora Dona Política, a Excelentíssima, ilustríssima e Fulustrequíssima Senhora Dona Política, que sempre viveu coberta de ouro e prata, como a Dona Sancha das cantigas que vocês cantam em roda.



DONA POLITICA

A Política atrapalhava tudo. Era ela quem governava, ou melhor, quem desgovernava o Brasil, de alto a baixo. Era a Política nas cidades do interior, nas Câmaras Municipais; nas cidades grandes, nas Câmaras Estaduais; na capital do país, na Câmara Federal; era a Política de intriguinhas, do disse-me-disse, das conversinhas em corredores, das combinações manhosas nas farmácias e nas Câmaras, uma política medonha, decadente, arruinada, cheia de lombrigas e ignorante como ela só...

Desde que o Brasil se fizera república, essa Senhora Dona tomou conta dos homens de governo. Tudo o que era senador, deputado, fosse o que fosse de importante era agarrado pela política.

Coitadinho do Brasil!...

Governavam os interesses das correntes – e o interesse do Brasil ficava nas gavetas aos cuidados das aranhas e das moscas.

O Menino de São Borja, desde os tempos da infância, começou a estudar de longe essa Senhora Dona emproada e todo-poderosa.

Estudou as manhas da bicha, assim como quem não quer nada com ela, aprendeu todos os segredos dela, devagarinho, sem mostrar pressa nenhuma.

Em pouco ficou conhecendo todas as manobras e todas as estratégias da Excelentíssima.

Presidente do Rio Grande do Sul, ele botou de lado e tal:

– Tem paciência, Fulustrequíssima, você aqui não me põe as mãos.

E a Fulustreca não pôs as mãos, mas ficou louca da vida com a ousadia do Presidente.

E o Presidente do Rio Grande passou a ser Presidente da República: e a Fulustreca, louquinha da vida, começou a armar novos planos para se vingar do atrevido:

“Você me paga!”

E foi assim que, por diversas vezes, a Senhora Dona Política tentou passar rasteiras no Presidente, sem resultado.

Deu ela o braço até a amigos perigosos como o comunismo – mas o Presidente aparou o golpe e jogou os dois por terra.

Que tombo monumental!

Os vermelhinhos foram obrigados a entregar os pontos e a deixar o campo livre.

Em 1937, já refeita desse tombinho, a Excelentíssima armou nova tocaia: ia haver a escolha de candidatos para a substituição do Presidente no Governo da Nação. Apareceram alguns rapazes aqui e ali, fizeram uns discursinhos inflamados, mas o povo não tomou conhecimento desses atores estreantes.

Dona Política entrou no meio e as coisas começaram a complicar-se.

O Presidente não gostou das ameaças de desordem. Na desordem ninguém trabalha – e o Brasil precisa trabalhar.

Os vermelhinhos aproveitaram-se da confusão e começaram de novo a se manifestar. Esses zumbidos chegaram aos ouvidos do Presidente.

E também aos ouvidos do Presidente chegou a voz do Brasil inteiro, pedindo ordem e paz, trabalho e progresso.

Essa voz tornou-se um clamor nacional. O Exército, expressão e garantia da unidade brasileira, fez-se o intérprete do clamor do Brasil.

A 10 de novembro de 1937, os deputados que chegaram à Câmara encontraram a casa de portas fechadas: ali não se ouviriam mais bobagens e bate-papos inúteis a 200 mil réis diários por cabeça.

O povo saiu em festa para as ruas.

E o céu se encheu de estrelas.

E nessa noite, noite de luz e de contentamento, o Presidente chegou ao microfone da rádio e anunciou o nascimento do Estado Novo e a morte da Excelentíssima e Fulustrequíssima Senhora Dona Política.

Foi um enterro triste, o da Senhora Dona. Meia dúzia de gatos-pingados levaram à última morada os despojos da perversa.

E nesse dia, até as minhocas se queixaram de que a carcaça daquela Senhora era indigesta e venenosa.

Nem as minhocas quiseram saber da desgraçadinha...

## O GENERAL QUE VENCEU TODAS AS BATALHAS

Batuta, esse Menino de São Borja, hein, Tió?

– Batuta, de fato, Rosa Maria. Veja você que ele nunca perdeu nenhuma batalha e ainda haverá de ganhar muitas e muitas, pelo benefício e pela salvação do Brasil. Nunca houve em nossa terra um brasileiro mais brasileiro que ele.

Vejam vocês que, com a Constituição de 10 de Novembro de 1937, ele deu ao país em que nós nascemos uma forma nacional incomparável.

Aquela preocupação das bandeiras da escola do velho Braga foi transformada em realidade por ele: hoje o Brasil, que é um só, possui um único símbolo, que é a bandeira auriverde. Os ventos que sopram sobre o Brasil, hoje, só agitam um único pavilhão – e esse pavilhão sagrado é o símbolo da Pátria unificada pelo Menino de São Borja.

– E ele é um homem tão simples, Tió!

– Não há homem mais simples, Chico Chicote. Nunca se conheceu, no Brasil, homem tão desprendido de luxos e comodidades.

Casaca e cartola, para ele, não são documentos. Ele viaja pelo Brasil sem se importar com boas camas e banquetes solenes.

Quer ver a realidade e quer conversar com os homens do povo.

Uma vez, no Rio São Francisco, passou uma noite em claro ouvindo as cantorias de um grupo de violeiros – e só se lembrou de que passara a noite em claro quando viu o sol nascendo.

Trabalha dezesseis horas por dia, e nunca entrou manhã a dentro debaixo de lençóis.

Saiu pobre do Governo do Rio Grande e sairá pobre do Governo da República porque jamais tocou em um vintém que fosse dos dinheiros públicos.

Gosta de viver ao ar livre e de parar, nas ruas, para conversar com as crianças que encontra.

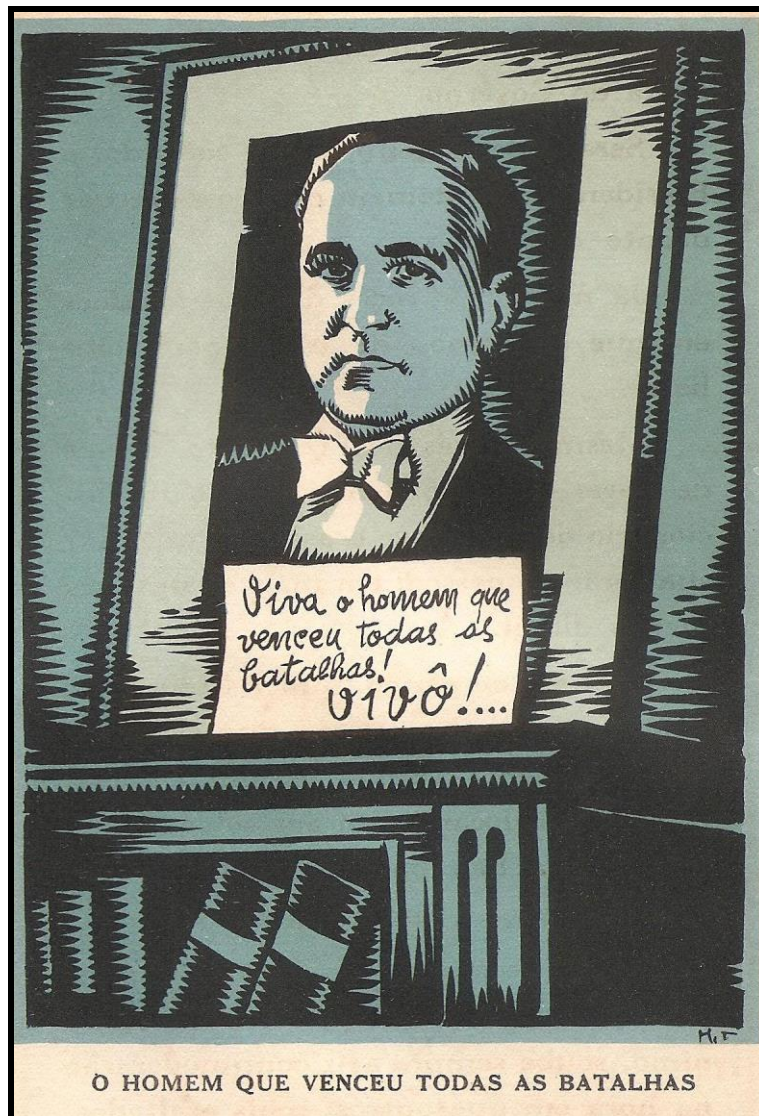
Não tem ostentações, nem rompantes.

Sua autoridade é firme, mas suave; inabalável, mas serena e metódica.

O Presidente confia, antes de tudo, na ação soberana do tempo, que tudo resolve.

Às vezes (e não poucas isso aconteceu), os seus colaboradores e amigos fazem, de fatos simples, pavorosos bichos-de-sete-cabeças. O Presidente desarma a todos com um sorriso e com algumas baforadas de fumaça de seu charuto baiano:

– Vamos com calma, que tudo se decidirá com calma...



E sempre tudo se decidiu com calma – e essa calma confiante reina no Brasil desde que o Menino de São Borja tomou conta do governo.

Sereno desse jeito, não é, contudo, o Presidente, um homem que possa recuar diante do perigo.

Já mostrei a vocês diversas ocasiões em que ele tomou de armas para combater.

Mesmo depois de Presidente, depois de haver chefiado o movimento revolucionário de 1930, teve ocasião de exercitar sua coragem pessoal em mais de um momento difícil.

Na hora do perigo, nunca ficou entre quatro paredes esperando que as coisas se resolvessem. Tomou sempre a iniciativa de se colocar junto aos soldados defensores da Lei, para estimulá-los com a sua presença e com a sua energia.

Nunca se aproveitou de suas vitórias para perseguir ninguém. Bom, magnânimo, soube sempre agir com moderação na hora em que outros, mais exaltados, só saberiam empregar violências e tirar vinganças.

É por isso que o povo está sempre do lado dele, acompanhando-o alegremente em todos os instantes.

Certo da confiança desse povo ordeiro e trabalhador, jamais deixará de reagir à altura dos acontecimentos, porque ele não sabe o que seja o gosto de uma derrota.

– Eu sou pelo Estado Novo! – gritou Chico Chicote.

E saiu correndo para a estante de livros do escritório, onde há um retrato do Presidente Getúlio Vargas.

– Sim senhor, diz o jovem ginasião trazendo para as mãos de Tió o retrato do Presidente. – Quem diria que o Menino de São Borja trabalharia tanto pelo Brasil! e ainda há de trabalhar muito mais, se Deus quiser!

– Se Deus quiser, – repetiu Tió.

E lá se foram os dois pixotes levado o retrato para o lugar em que estava.

Desde esse momento, porém, o retrato tem um complemento. É um cartão branco colocado entre o vidro e a moldura do quadro e onde se pode ler, na letra tremida de Rosa Maria:

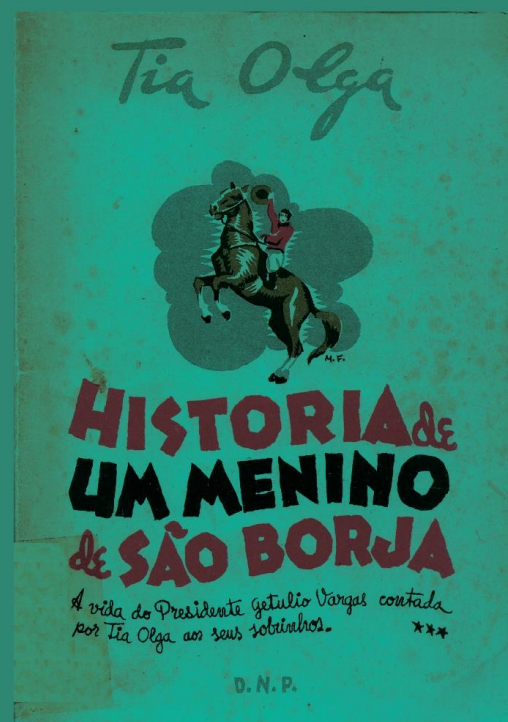
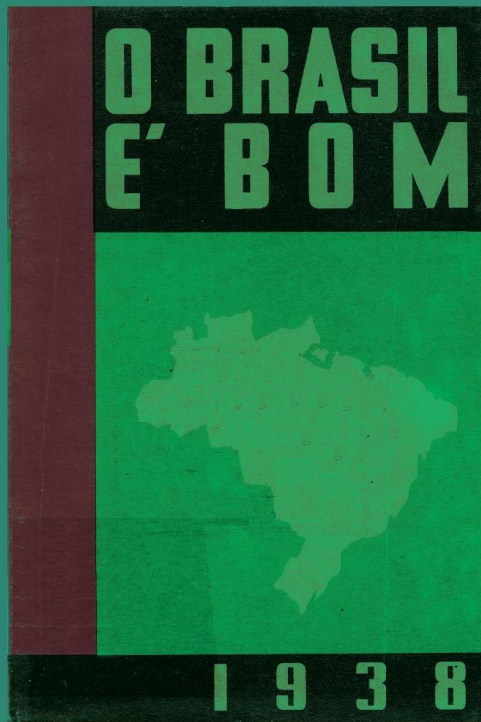
VIVA O HOMEM QUE VENCEU

TODAS AS BATALHAS!

VIVÔ!



A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



  
Coleção  
Documentos  
**48**

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

CENTRO DE  
LITERATURAS  
E CULTURAS  
LUSÓFONAS  
E EUROPEIAS  
**CLEPUL**  
Faculdade de Letras da  
Universidade de Lisboa

**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

  
**BIBLIOTECA  
RIO-GRANDENSE**

**EDIÇÕES BIBLIOTECA  
RIO-GRANDENSE**



[edicoesbibliotecariograndense.com](http://edicoesbibliotecariograndense.com)

ISBN: 978-65-89557-20-3